

PÁGINA 22

INFORMAÇÃO PARA O NOVO SÉCULO

FGV
GVces

NÚMERO 50
MARÇO 2011
R\$ 15,00



Felicidade

deve ser parâmetro de desenvolvimento?

UM CRÉDITO QUE
SE ADAPTA ÀS SUAS
NECESSIDADES,
E NÃO O CONTRÁRIO.
VAMOS FAZER JUNTOS?

Às vezes, o ano começa e as contas apertam. É normal, acontece com a Roberta, que precisa comprar o material escolar da filha Maria Clara, e pode acontecer com você também. Por isso, o Santander desenvolve soluções diferenciadas de acordo com a sua disponibilidade de pagamento, para ajudar você a organizar sua vida financeira quando precisar.

Pagamento em até 10 dias

Você pode contar com os 10 dias sem juros do Santander Master.¹

Pagamento em até 18 meses

Você pode parcelar a fatura do cartão de crédito em até 18 vezes.

Pagamento com prazo ainda maior

Você tem a possibilidade de parcelar o saldo devedor do Santander Master pela metade dos juros ou utilizar um Crédito Pessoal em até 48 parcelas fixas e com até 60 dias para começar a pagar.²

Venha conversar com a gente. Saiba mais em www.santander.com.br

As condições dos produtos (limites, taxas, prazos e parcelamentos) estão sujeitas à análise, aprovação e elegibilidade de crédito e à observância das condições de cada produto à época da contratação, podendo tais condições ser suspensas ou extintas a qualquer momento. Para conhecer previamente o Custo Efetivo Total (CET) e a taxa efetiva anual de juros da operação escolhida, consulte seu gerente ou contate nossos canais de atendimento telefônico. (1) Santander Master e RealMaster: para contagem dos 10 dias, devem ser considerados dias corridos ou alternados; o mês refere-se ao período de apuração da utilização do cheque especial. (2) Créditos parcelados: o prazo máximo para pagamento da primeira parcela pode variar conforme o canal de contratação do empréstimo.

 Santander

VALORIZANDO IDEIAS
POR UMA VIDA MELHOR

www.santander.com.br

Felizes para sempre?

Felicidade e sustentabilidade: tudo a ver? De bate-pronto, a resposta seria sim. Uma vida mais simples e frugal, que não se deixa seduzir pelo consumismo, pode ser um caminho para felicidade e, ao mesmo tempo, amenizar a pressão sobre os recursos naturais. Cultivar os relacionamentos verdadeiros e agir em prol da coletividade trazem não somente imensa satisfação pessoal, como ajuda o mundo a se reequilibrar. Por essas e outras, a felicidade ganha espaço ao se contrapor ao ideário de crescimento econômico contínuo, que teve suas bases no Iluminismo.

Mas, indo mais fundo, a resposta se complica. Dá para ser feliz considerando que os recusos da Terra podem não dar conta de incluir 4 bilhões de pessoas que ainda vivem sob condições indignas? Que o aumento do consumo será necessário para pelo menos 2/3 da população mundial, até que esta escolha trocar a “simplicidade involuntária” pela simplicidade voluntária? Que, para essa equação fechar, impõe-se uma revisão urgente de valores, ou então uma mudança pela dor? Que a desigualdade entre ricos e pobres, grande fator de infelicidade, continua crescendo?

Ao investigar essas questões, PÁGINA22 deparou-se com uma pergunta anterior: deve ser a felicidade o novo critério a nortear o desenvolvimento? Ou ela pode escamotear situações em que indivíduos estão privados de suas liberdades e até necessidades básicas, mas acabam encontrando uma forma de sobreviver e ainda tirar proveito da vida? A liberdade, a honra, a democracia seriam valores menos subjetivos e mais eficazes como parâmetros de desenvolvimento? Que depoimentos dariam as pessoas que estão se insurgindo contra as ditaduras no Oriente Médio?

Embora iniciativas como a da Felicidade Interna Bruta (FIB) sejam muito válidas, as transformações que o mundo pede talvez tenham mais a ver com resiliência, consciência de limites e capacidade de lidar com condições adversas do que propriamente com felicidade. É um ponto a se debater.

Boa leitura!

PÁGINA 22

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
DE SÃO PAULO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
DIRETORA Maria Tereza Leme Fleury

FGV
GVces
Centro de Estudos em
Sustentabilidade da EAESP

COORDENADOR Mario Monzoni
COORDENADORA-ADJUNTA Rachel Biderman

JORNALISTAS FUNDADORAS Amália Safatle e Flavia Pardini
EDITORA Amália Safatle
REPÓRTER Carolina Derivi
EDIÇÃO DE ARTE Vendo Design
Marcius Marques (edição), Dora Dias (design)
www.vendoeditorial.com.br
ILUSTRAÇÕES Sírio Braz

EDITOR DE FOTOGRAFIA Bruno Bernardi
REVISOR José Genuino Moura Ribeiro
COORDENADORA DE PRODUÇÃO Bel Brunharo
ENSAIO FOTOGRAFICO João Correia Filho

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO Adriana Ramos, Ana Cristina d'Angelo,
Daniela Gomes Pinto, Eduardo Shor, Eli Ridolfi, Fábio Rodrigues,
Flavia Pardini, Flavio Gut, Gustavo Faleiros, José Alberto Gonçalves
JORNALISTA RESPONSÁVEL
Amália Safatle (MTb 22.790)

ANUNCIE

COMERCIAL E PUBLICIDADE
COORDENAÇÃO Jorge Saad
EXECUTIVO Júnior Tupinã
CONTATO Livia Barros / (11) 3807-7084 / conexao@aie.com.br

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Itararé, 123 - CEP 01308-030 - São Paulo - SP
(11) 3284-0754 / leitor@pagina22.com.br
www.fgv.br/ces/pagina22

CONSELHO EDITORIAL
Aerton Paiva, Ana Carla Fonseca Reis, Aron Belinky, Eduardo Rombauer,
José Eli da Veiga, Mario Monzoni, Pedro Roberto Jacobi,
Ricardo Guimarães, Roberto Waack
CONCEITO DE COMUNICAÇÃO E PLANEJAMENTO
Denise Chaer, Fernanda H. Figueiredo, Jorge Saad

IMPRESSÃO Vox Editora Ltda.
DISTRIBUIÇÃO Door to Door Logística e Distribuição
TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 5.000 exemplares

Os artigos e textos de caráter opinativo assinados por colaboradores expressam a visão de seus autores, não representando, necessariamente, o ponto de vista de PÁGINA22 e do GVces.

MISTO
Papel produzido a partir
de fontes responsáveis
FSC® C044008

A REVISTA PÁGINA 22 FOI IMPRESSA EM PAPEL CERTIFICADO, PROVENIENTE DE REFLORAMENTOS CERTIFICADOS PELO FSC DE ACORDO COM RIGOROSOS PADRÕES SOCIAIS E AMBIENTAIS

creative commons PÁGINA 22, NAS VERSÕES IMPRESSA E DIGITAL, ADEIRU À LICENÇA CREATIVE COMMONS. ASSIM, É LIVRE A REPRODUÇÃO DO CONTEÚDO - EXCETO IMAGENS - DESDE QUE SEJAM CITADOS COMO FONTES A PUBLICAÇÃO E O AUTOR.

Notas	6
Clima & economia	12
Entrevista	14
Felicidade	20
Coluna	27
Indicadores	28
Análise	33
Crônica	34
Retrato	36
Trabalho	42
Radar	48
Estalo	49
Última	50

Eduardo Giannetti une as pontas da Economia e da Filosofia em uma pergunta: "O que realmente importa?"



Na busca de um indicador mais completo que o PIB, será que a felicidade deve ser o novo parâmetro de desenvolvimento?

Como não basta medir a realidade, mas transformá-la, propõe-se que o processo do FIB comece pela mobilização local

Procurar um sentido maior para o trabalho é bem válido. O problema está em aceitar abusos quando essa entrega é de coração





[PEER-TO-PEER]

O dia em que faremos contato

A insurreição popular que derrubou o presidente egípcio Hosni Mubarak e se deflagra pela Líbia e outros países reforçou a importância das redes sociais para o ativismo no século XXI, mas desta vez soou alto o alarme quanto ao poder do governo sobre a internet. Enquanto os sinais de rádio e televisão – mídias “antigas” – continuaram distribuídos por estações e antenas, o **tráfego da internet** foi cortado pelo governo, com ajuda de poucas corporações, diz o teórico da mídia Douglas

Rushkoff. “Se redes que funcionam de-baixo-para-cima são tão dependentes das boas graças de autoridades que operam de-cima-para-baixo, quão de-baixo-para-cima realmente são?”

Não só no Egito. Rushkoff lembra que bastou um telefonema do senador Joe Lieberman para tirar o site do Wikileaks do ar. É do mesmo Lieberman a autoria de projeto de lei que cria um escritório para políticas do ciberespaço no Executivo americano. Em 2010, a versão original do projeto foi acusada de conter mecanismo que permitiria ao presidente americano “desligar” a internet.

Como reação, Rushkoff propõe a criação de uma nova rede que “restaure o

comércio, a cultura e o governo *peer-to-peer* – entre pares, sem intermediação de governo e corporações.

Para juntar os pares, fomentar ideias e incitar a ação, Rushkoff convocou uma cúpula, chamada Contact. “Do desenvolvimento de uma nova internet não hierárquica à implementação de moedas alternativas, passando por protótipos de democracia *open source* e experimentos em expressão cultural coletiva, Contact vai buscar iniciar os mecanismos que concretizem a promessa real da revolução em rede”, escreveu. A cúpula está prevista para 20 de outubro em Nova York. Mais em <http://contactcon.com>. – **por Flavia Pardini**

[MOBILIDADE]

Desenhado para compartilhar

A popularidade do *carsharing* – aluguel de carros por curtos períodos ou por hora – levou a empresa alemã de engenharia Edag a desenhar um carro especialmente para o segmento. Apresentado no início de março no show automotivo de Genebra, na Suíça, o projeto do Light Car Sharing Concept leva em conta que o veículo será compartilhado por muitos motoristas em ambientes urbanos.

O carro é compacto e elétrico, com velocidade máxima de 100 km/h e capacidade para rodar 100 quilômetros por recarga. Alto, com portas grandes, facilita a entrada e a saída de motorista e passageiros. Não há porta-luvas e outros compartimentos, e o design usa materiais leves e componentes facilmente substituíveis. O usuário conecta-se ao sistema da empresa com seu smartphone e localiza o carro mais próximo – uma “chave bluetooth” permite que abra o carro e saia dirigindo. O débito pelo uso também é feito pelo smartphone, e um sistema de

GPS permite que a empresa saiba onde o veículo está a qualquer momento. A ideia é que o carro não seja vendido diretamente ao consumidor, mas apenas a companhias de *carsharing*.

Em janeiro, 18 dessas companhias formaram a Car Sharing Association (<http://www.carsharing.org>), para estabelecer padrões sociais, ambientais e éticos para o setor, que continua crescendo – é possível compartilhar carros em centenas de cidades ao redor do mundo. Em Paris, até o fim do ano deve entrar em funcionamento o Autolib, programa de *carsharing* operado pela prefeitura no modelo do Vélib, que oferece bicicletas para alugar desde 2007. **[FP]**

[AMAZÔNIA]

Conexões perigosas

São Paulo continua como a mais importante financiadora da devastação da Amazônia”, conclui Leonardo Sakamoto, um dos responsáveis pela segunda parte do estudo *Conexões Sustentáveis*, divulgado no final de



fevereiro. Segundo ele, grandes empresas que atuam na cidade mantêm fornecedores na Região Amazônica responsáveis por práticas como escravidão, trabalho infantil e desmatamento.

O estudo foi dividido em três blocos: pecuária bovina, soja e madeira. Para cada um deles são apresentadas situações que atestam a ligação entre as empresas e as atividades ilegais. No caso da madeira, apontado como um dos mais graves, a pesquisa identifica atividades que, numa primeira visão, estariam desvinculadas, mas que se combinam numa mesma cadeia produtiva ilícita.

Há situações, por exemplo, em que a **madeira ilegal** é usada nas caldeiras de grandes frigoríficos. Assim, mesmo comprando carne lícita, eles continuam incentivando a ilegalidade.

O caso da madeira se destaca devido às projeções de crescimento do setor da construção civil, atualmente o que mais utiliza madeira ilegal em São Paulo. Até 2030, seu PIB deve crescer em torno de 200%.

Segundo Sakamoto, muitas das empresas saem pela tangente, alegando que seu produto provém de uma área legal, mesmo que esta esteja relacionada a um proprietário ou uma propriedade com territórios embargados.

“Continua-se, da mesma forma, financiando áreas ilícitas quando um produtor usa o dinheiro das partes legais para investir nessas outras áreas. É só uma forma de contornar a fiscalização.”

O estudo é uma iniciativa do Fórum Amazônia Sustentável e do Movimento Nossa São Paulo, em parceria com as ONGs Repórter Brasil e Papel Social Comunicação. – **por Eli Ridolfi**

[INFRAESTRUTURA]

Cubatão baiana

A sombra, a água fresca e a imensa riqueza natural do sul baiano sofrem séria ameaça. Grupos de moradores locais e organizações socioambientais, lideradas pelo movimento Rede Sul da Bahia, estão se mobilizando para impedir a construção



do complexo Porto Sul, em Ilhéus. A área, além de concentrar uma das mais ricas reservas de Mata Atlântica, reúne uma diversidade marinha com recifes de corais únicos no Atlântico Sul.

As obras do porto fazem parte do plano de desenvolvimento que o governo do estado elaborou para a região, assolada pela crise do cacau desde a década de 1990. O projeto ainda envolve a construção de uma ferrovia para escoar o minério de ferro explorado em Caetitê, no Sudoeste da Bahia, estrutura orçada em cerca de R\$ 6 bilhões, cobertos inteiramente pelo PAC. Já licitadas, as obras devem começar até setembro deste ano.

Segundo a Rede Sul, a carga da Bahia Mineração (Bamin), empresa do Cazaquistão que detém a concessão sobre Caetitê, poderá representar até 85% do volume total movimentado pela ferrovia. A empresa, porém, não terá nenhuma participação no financiamento da obra.

Já o Porto Sul ainda aguarda a licença do Ibama, mas promete envolver, além dos terminais, a construção de uma grande estrutura para estocagem do

minério trazido pela ferrovia. Outra área, hoje ocupada por Mata Atlântica, abrigaria um aeroporto e uma siderúrgica, além de indústrias atraídas pela atividade local.

“Trata-se de um plano de desenvolvimento que está sendo colocado como a redenção do Sul da Bahia. Não seria exagero falar em uma verdadeira Cubatão baiana”, compara o ambientalista e advogado Fabio Feldmann, integrante da Rede Sul. **(ER)**

[EUROPA]

Tempo de ousar

Um relatório apresentado no final de fevereiro em Bruxelas, na Bélgica, volta a uma tecla que já vem sendo tocada, mas pouco ouvida por muitos países: uma política climática mais ambiciosa pode acelerar o crescimento econômico e criar milhões de empregos.

Com mensagem central de que a proteção climática é aliada para superação da estagnação econômica do continente, o estudo é voltado para a Europa pós-crise e tem como título *Um novo caminho de crescimento para a Europa*. A aposta baseia-se justamente no

fato de que a União Europeia deve assumir metas de 30% no corte de suas emissões, e não dos apenas 20% que foram propostos.

“É tempo para ousar. Políticas claras associadas à adoção de uma meta de 30% na redução emissões podem fazer com que o continente supere a estagnação econômica. Os investimentos nessa área podem criar até 6 milhões de empregos”, argumentam os pesquisadores responsáveis pelo estudo. Só na Alemanha, por exemplo, a taxa de desemprego poderia diminuir de 8,5% para 5,6%.

O relatório foi elaborado pela Oxford University, pela National Technical University of Athens e Université Paris Panthéon-Sorbonne, lideradas pelo Instituto Potsdam para Pesquisa do Impacto Climático (PIK) (<http://www.pik-potsdam.de>), sob encomenda do governo alemão.

Acesse a íntegra em www.european-climate-forum.net/fileadmin/ecf-documents/Press/A_New_Growth_Path_for_Europe_Synthesis_Report.pdf – **por Christiane Telles, de Bielefeld, Alemanha**

[LED]

Eficiente, mas tóxico

Marcas detentoras da tecnologia da lâmpada LED têm dado conta de apresentá-la como o futuro da iluminação, principalmente quando a preocupação maior é economizar eletricidade. Mas o aspecto da eficiência energética pode estar sendo superado por outro talvez ainda mais nocivo.

Pesquisadores da Universidade da Califórnia comprovaram que essas lâmpadas podem conter altos índices de substâncias tóxicas, entre elas chumbo e arsênio. Segundo o estudo, os LED vermelhos, encontrados em luzes de freio de veículos e semáforos, contêm até oito vezes mais chumbo do que o permitido pela legislação da Califórnia. Os brancos contêm menos chumbo, mas concentram

mais níquel. Em geral, quanto mais intensa a luz do LED, mais toxinas tende a apresentar.

Substâncias como chumbo e arsênio estão relacionadas a vários tipos de câncer, lesões cerebrais e hipertensão, além de outras doenças. O cobre das lâmpadas LED, uma vez liberado, pode afetar rios e lagos e causar a morte de animais, podendo ainda atingir o organismo humano.

Até pouco tempo conhecidas como as “luzinhas” dos eletroeletrônicos, essas pequenas lâmpadas têm ganhado cada vez mais espaço no mercado e sinalizam como a geração que substituirá a iluminação fluorescente.

“Na tentativa de fabricar produtos que consumam menos energia, não podemos deixar de atentar para os riscos de toxicidade daqueles que são comercializados como substitutos”, disse Oladele Ogunseitan, líder do estudo. Segundo ele, os fabricantes de LED têm todas as condições para redefinir seus projetos e diminuir o uso dessas toxinas. **(ER)**

[ENERGIA]

Nuclear peso-pena

Um combustível nuclear abundante em várias regiões do planeta, sem possibilidades de ser transformado em arma de guerra durante o seu beneficiamento e gerador de um resíduo tóxico que, em vez de milhares de anos, leva centenas para se decompor.

As condições não são perfeitas, mas os chineses estão percebendo como o tório, elemento levemente radioativo, pode ser usado como combustível para a geração de eletricidade.

A Academia Nacional de Ciências da China acaba de anunciar a realização de pesquisas no setor, combinadas a investimentos privados que, segundo o jornal britânico *The Guardian*, envolveriam a construção do protótipo de um reator de tório flúor líquido (LFTR, em inglês), capaz de iniciar suas

operações já em cinco anos.

A tecnologia do LFTR foi desenvolvida pelos Estados Unidos durante as décadas 50 e 60. Entre outros benefícios, ela possibilitava a construção de reatores menores que os de urânio, além de poder trabalhar a pressões mais baixas, diminuindo o risco de acidentes catastróficos. Mas a pesquisa foi abandonada pelos americanos, provavelmente porque não oferecia potencial para produzir armas nucleares.

O anúncio dos estudos chineses sobre o LFTR pode representar o embrião de um novo tipo de corrida nuclear. Segundo o especialista em tório Kirk Sorensen, o projeto “visa não só desenvolver a tecnologia, mas garantir os direitos de propriedade intelectual para a sua implementação”.

Sorensen estima que cerca de 5.500 toneladas de tório possam produzir o equivalente à quantidade de energia consumida por todo o planeta em um ano.

(ER, com informações do jornal The Guardian)



3 FALA, LEITOR *Histórias e ideias de quem lê* PÁGINA 22



O ímpeto de mudar o mundo é guia para muitos que se dedicam ao campo da sustentabilidade. Não foi muito diferente com Narjara Thamiz. Graduada em Psicologia, quando concluiu o curso tratou de buscar atividades que envolvessem gestão de pessoas e consultoria em projetos sociais. Havia, contudo, uma sensação de estar só no propósito da transformação.

Em viagem ao Chile, tomou contato com o pensamento sistêmico de Humberto Maturana. “Ele revolucionou minha maneira de enxergar a percepção humana, o relacionamento entre as pessoas, as formações sociais, a cultura. Fui estudar com ele, minha primeira grande mudança”, conta Narjara, que, a partir daí, viu que não estava só. Mas que, para mudar o entorno, primeiro, deveria olhar para si mesma.

Na busca pessoal e profissional para melhor se posicionar no mundo, a psicóloga voltou ao Brasil e criou uma consultoria para gestão de pessoas e estratégias. A ideia era mobilizar o talento das pessoas dentro das organizações. “Mas aí descobri que a maioria das pessoas estava infeliz, não se enxergava no que fazia, estava desconectada com o trabalho”, relata.

Após um ano sabático de estudos na França, Narjara dirigiu seu foco para a sustentabilidade nas organizações. “Vi que se tratava exatamente da maneira como nos relacionamos conosco, primeiro, e como expandimos isso para o mundo. Então me dediquei a criar processos para reconexão com este sentido humano da sustentabilidade.”

A CoCriar surgiu nesse contexto e do encontro com as pessoas com quem viria a se associar, no ano passado. “Buscando processos e espaços para que as pessoas realmente se encontrem no meio corporativo, eu sinto que estou colaborando para o mundo e para o futuro. Porque o que faz uma empresa ser ou não sustentável é a maneira como ela consegue conservar as relações, os laços humanos dentro e fora dela”, afirma. **(ACD)**

Cinema carioca de guerrilha

EX-JUDOCA, CAVI BORGES ABRIU UMA LOCADORA DE VÍDEO no Humaitá (RJ), em 1996, depois que uma lesão o impediu de participar das Olimpíadas de Atlanta. De lá pra cá, a Cavideo cresceu, virou produtora, distribuidora – uma das melhores casas do ramo cinema independente brasileiro. Já foram produzidos 60 curtas e 10 longas-metragens no esquema “pouco dinheiro e muito jogo de cintura”. Tirando três curtas patrocinados pela Petrobras, o restante foi feito sem verba e na parceria com amigos. Cavi juntou-se a outros 19 diretores com afinidades na forma de fazer e distribuir filmes e conseguiu, por exemplo, mapear locadoras em todos os Estados e também os festivais de cinema. Os filmes, simples, sinceros e políticos, estão sendo aplaudidos pela crítica brasileira e também internacional. A revista *Variety* dedicou duas páginas de crítica muito positiva ao longa *Riscado*, que conta a vida de uma atriz na batalha para viver do que gosta, fala da sorte e o que é preciso para os sonhos se concretizarem.



Em *Copa Vidigal*, a história do campeonato de futebol criado na Favela do Vidigal, em 1997, na tentativa de trazer a diversão de volta aos moradores, depois de um período de guerra entre traficantes.

Já o documentário *Enchente*, dirigido por dois moradores da Cidade de Deus, Julio Pecky e Paulo Silva, lembra de tragédias causadas pela chuva (leia-se incompetência do poder público) na cidade do Rio desde a década de 40 e mostra que esse problema ainda está muito longe de ser resolvido. Com o foco principal na enchente de 1996, os diretores acabam por contar a própria história, porque também perderam todos os seus bens e suas perspectivas. Foi quando resolveram se juntar e começar a fazer filmes. No fim do ano, *Riscado* estará nos cinemas. Já os outros, oxalá, em breve.

Imagens humanas

Rostos brasileiros de diversas regiões do Brasil compõem a exposição *Imagens Humanas*, do fotógrafo João Roberto Ripper, em cartaz na Caixa Cultural Curitiba. Ripper tem 35 anos de uma carreira que une a arte da imagem com a militância social. A exposição foi dividida em cinco módulos temáticos: “Amor”, “Alegria”, “Dor”, “Superação” e “Liberdade”. Um grande painel com pequenos retratos completa a mostra, instigando o público a ver bem de perto o povo brasileiro, sua individualidade, tal como o fotógrafo o observa. Grátis. Mais informações em www.caixa.gov.br/caixacultural



metragem *Haruo Ohara*, de Rodrigo Grota, que anda circulando pelos festivais de cinema. O acervo com mais de 18 mil negativos de Ohara pertence ao Instituto Moreira Salles, que cedeu agora 150 fotografias do artista para uma exposição em cartaz na Caixa Cultural de Curitiba. O legal é que naquele momento de urbanização crescente do Brasil, começo do século XX, fortes

transformações e aceleração tecnológica, o artista conseguia captar o tempo real de maturação das flores, frutos e filhos, fortemente representados em sua obra fotográfica. O tempo real e necessário para a criação artística. Essa insistente sinalização para o verdadeiro ciclo da vida e da terra,



com seus ritmos ancestrais, é o principal legado de Ohara.

Concurso fotográfico na Região Amazônica

A Articulação Regional Amazônica (ARA), em parceria com a Fundação Avina, promove um concurso fotográfico simultaneamente na Bolívia, Brasil, Venezuela, Equador e Peru. Tema: “Objetivos do Milênio na Amazônia”. Cada fotógrafo pode participar com três imagens. Inscrições até 3 de junho de 2011. As fotos vencedoras serão publicadas em um livro sobre os cumprimentos das metas naquela região. Acesse o regulamento em: www.scribd.com/doc/47884130/Reglamentos-ConcursoFotografico-ODM.



Felicidade é coisa séria. Uma sociedade mais feliz é aquela em que todos têm acesso aos serviços públicos de qualidade: educação de qualidade, saúde de qualidade, previdência social, lazer, cultura e muitos outros. As economias mais modernas já têm a felicidade na Constituição ou como norteadora das políticas públicas, trazendo a felicidade como um dever do Estado. Agora é nossa vez de ser mais feliz.

CONHEÇA O MOVIMENTO MAIS FELIZ. ACESSO WWW.MAISFELIZ.ORG

APOIADORES: • ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROCURADORES DA REPÚBLICA (ANPR) • ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DEFENSORES PÚBLICOS FEDERAIS (ANADEF) • ASSOCIAÇÃO CIDADE ESCOLA APRENDIZ • CATACLA LIVRE • INSTITUTO ÁGORA • MUSEU DA PESSOA.



Mudança climática encarece alimentos

O preço bate recorde neste início de 2011.

Tendência que, para Lester Brown, veio para ficar

Em meados de janeiro, tive a oportunidade de entrevistar o americano Lester Brown, ambientalista histórico e fundador do Worldwatch Institute. Ele acaba de lançar o livro *The World on the Edge* – algo como “O mundo no limite”, em tradução livre. [1]

TOME NOTA
1 Você pode baixar o livro completo de Lester Brown em <http://www.earth-policy.org/books/wote>

Engenheiro agrônomo por formação, Brown, que acaba de completar 77 anos, mostra em sua obra uma preocupação constante: o impacto das mudanças climáticas sobre a produção de alimentos.

Durante nossa conversa de uma hora, o tópico não foi diferente. Para ele, o atual recorde no preço dos alimentos, reportado pelas Nações Unidas no início deste ano, parece mais tendência do que conjectura. Ou seja, a pressão inflacionária advinda das commodities agrícolas continuará presente por longo tempo. [2]

TOME NOTA
2 Em fevereiro, a FAO-UN lançou alerta mundial de que os preços dos alimentos cresceram por sete meses consecutivos, atingindo recorde histórico. www.fao.org/worldfoodsituation/FoodPricesIndex/en/

Uma das razões para isso, sustenta o ambientalista, é a percepção real do significado dos impactos climáticos apontados por cientistas nos últimos anos. “A seca e os incêndios ocorridos no último verão na Rússia são coisas que ninguém jamais havia visto”, ele diz. Em julho e agosto, o país registrou temperaturas 7 graus acima da média para o período. A safra de grãos foi reduzida e o governo russo banuiu em 2011 as exportações agrícolas, como forma de controlar o preço.

Agora imagine se o mesmo fenômeno climático tivesse ocorrido na região de Chicago, no chamado Grain Belt? Esta é a pergunta com a qual Brown tem chamado atenção em suas palestras e logo na abertura de seu livro. “Se uma estiagem

desta envergadura atingir Chicago, a inflação dos alimentos em todo o mundo ficará fora de controle”, garante.

O livro do fundador do Worldwatch Institute não chega a dizer com todas as letras que os eventos climáticos extremos observados em 2010 sejam impactos diretos do aquecimento global. Sua intenção, entretanto, é chamar atenção para o problema de segurança alimentar como um dos mais agudos da atualidade.

Ele se lembrou do tempo em que trabalhava no Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, nos anos 1960, ao dizer que hoje não se consegue mais calcular ganhos de produtividade para cobrir grandes quebras de safra. “Naquele período, quando havia uma queda na produção de um ano e os preços aumentavam, nós sabíamos o quanto mais de terra e produção seria necessário para reabastecer os estoques e abaixar os preços.” Em 2011, qualquer aumento na produção de grãos será apenas para manter os preços no nível em que estão.

Sua preocupação pode ser aplicada ao Brasil. Não são poucos os países que dependem da agricultura brasileira para manter a estabilidade de preços da proteína animal, pois o farelo de soja é a base da alimentação de porcos, vacas e frangos no mundo inteiro. Os principais importadores

de soja do Brasil, a União Europeia e a China, sofreriam altas imediatas no preço de suas cestas básicas com uma quebra de safra em Mato Grosso, por exemplo.

A Argentina em 2011 tem sofrido uma seca extrema e diversas regiões do país declararam estado de emergência. “O mundo não aguentaria uma quebra do Brasil e da Argentina”, mencionou um consultor do mercado agrícola em uma reunião do setor, recentemente.

Este ano, contudo, o Brasil continuará aliviando a pressão sobre o mercado mundial da soja, já que, segundo a

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o País deve bater outro recorde de produção: 71 milhões de toneladas.

Pesquisas para quantificar o impacto das mudanças climáticas sobre a agricultura brasileira estão em nível avançado, graças a estudos conduzidos pela Embrapa em parceria com a Unicamp [acesse em <http://tinyurl.com/5wl5ak7>].

Os resultados indicam que a receita advinda da produção agrícola pode ser reduzida em R\$ 7,4 bilhões até 2020, podendo chegar a R\$ 14 bilhões em 2070. A produção de soja pode ser a mais afetada,

com uma redução de 40% em 2070, se os piores cenários de mudança na temperatura virarem realidade. Tais alterações podem tornar regiões no Sul do País e no Cerrado do Nordeste pouco aptos à produção da oleaginosa.

Um mundo com menos soja do Brasil e da Argentina é um mundo em que China, Japão e União Europeia competirão para manter estoques com melhor preço para o controle da inflação doméstica. Inflação que, para Brown, será sempre pressionada pelos alimentos – a menos que a mudança climática sejam revertida rapidamente. [GF]

Recursos para energia limpa voltam a crescer

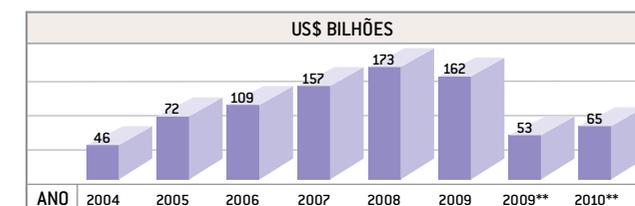
Dados do primeiro semestre de 2010 indicam que os investimentos globais em energia limpa voltaram a crescer. Devido à crise financeira a partir do segundo semestre de 2008, os investimentos globais em biocombustíveis e geração por biomassa e fontes eólica, solar e geotérmica declinaram de US\$ 173 bilhões em 2008 para US\$ 162 bilhões no ano seguinte.

A recuperação da economia mundial, em curso desde o final de 2009, refletiu-se nos aportes financeiros em energias renováveis: US\$ 65 bilhões entre janeiro e junho de 2010, ou 22% mais que no primeiro semestre de 2009.

Tais cifras e análise abrangente sobre as perspectivas de crescimento das renováveis podem ser conferidas no relatório *Towards a Green Economy: Pathways to Sustainable Development and Poverty Eradication* (em tradução livre, “Rumo à Economia Verde: Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável e a Erradicação da Pobreza”),

lançado em 21 de fevereiro pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma). Confira no link www.unep.org/greeneconomy. [JAGP]

INVESTIMENTO GLOBAL EM ENERGIA SUSTENTÁVEL, EM US\$ BILHÕES*



Fonte: Pnuma/Bloomberg New Energy Finance, 2010
*Inclui energias renováveis (biomassa, eólica, geotérmica, solar, ondas do mar e biocombustíveis) e pesquisa em eficiência energética ** Janeiro-junho

ENTREVISTA Eduardo Lopes

Enercon é recompensada por pioneirismo em eólica no Brasil

No início dos anos 1980, o engenheiro Alois Wobben teve a visionária ideia de gerar eletricidade em um moinho de vento em Aurich, norte da Alemanha. Para ajudá-lo no sonho, Wobben chamou o mecânico e eletricitista Klaus Peter, parceria que se mostrou tão bem-sucedida que os dois tornaram-se a mola mestra do grupo Enercon, fundado em 1984 e líder em energia eólica na Alemanha. Wobben novamente olhou à frente ao instalar uma fábrica homônima em meados da década de 1990 em Sorocaba (SP) e agora leva vantagem pelo pioneirismo, vendendo no Brasil mais de 90% da produção. Eduardo Lopes, superintendente-comercial da Wobben, fala da empresa e das perspectivas para o mercado de eólica, que atravessa sua melhor fase no País.

O que levou a Wobben a instalar uma fábrica de aerogeradores quando praticamente não havia geração de energia eólica no Brasil? Naquela época, já havia estudos que indicavam ventos

com velocidades altas e direção constante, principalmente no Nordeste. A empresa também avaliava que as dimensões continentais do Brasil favoreceriam a implantação de usinas eólicas em terra, mais

fáceis e baratas de montar.

A Wobben no começo exportava praticamente tudo o que fabricava, não é mesmo? Nosso objetivo era trabalhar principalmente com o mercado interno, mas este praticamente não existiu, até que apareceram os projetos do Proinfa [Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica].

O senhor costuma dizer que a Wobben tem enfrentado o efeito montanha-russa no mercado de eólica. O que isso significa? Entre 2004 e 2006, o mercado interno consumiu cerca de 90% de nossa produção. Nos três anos seguintes, essa fatia caiu para uns 50%, e

voltou a aumentar para 90%, em 2009, graças ao sucesso do leilão de energia eólica realizado em dezembro de 2009. Para este ano, a participação interna continuará superior a 90%.

Podemos dizer que o efeito montanha-russa já é coisa do passado? Ainda é cedo para afirmar isso, mas as perspectivas são positivas. Vemos três componentes decisivos para consolidar o mercado eólico no Brasil. O governo prometeu o quarto leilão de eólica para o segundo trimestre, mas a promoção desses leilões precisa se tornar regular. Também há indústrias interessadas na autoprodução, que nos demandarão

torres, pás e aerogeradores. O terceiro fator é a venda no mercado livre, que deverá ser viabilizada ainda este ano.

Há pelo menos oito companhias estrangeiras com planos de investimento para o Brasil. A empresa não teme perder sua liderança? Apostamos no desenvolvimento do mercado de eólica no país e teremos de conviver com os novos concorrentes. Já temos 420 megawatts instalados e alcançaremos a marca de 1 gigawatt até 2012. Também somos reconhecidos por concluir as usinas dentro do prazo, fornecemos para grandes empresas e os aerogeradores dispensam caixa de câmbio, o que melhora a



qualidade da energia gerada e elimina perdas mecânicas. Não é à toa que as agências de risco classificam o grupo Enercon com AA-, o que só demonstra a solidez de nosso negócio. [JAGP]



A pergunta motriz

O que realmente importa? Essa é a pergunta. É a pergunta que a discussão da felicidade inspira, a ponto de provocar Eduardo Giannetti a unir as pontas da Filosofia e da Economia, em busca das questões viscerais do indivíduo e da civilização. “Nós queremos ter mais tempo para conviver com os nossos amigos, nossos filhos, para buscar o conhecimento, para usufruir da natureza? Ou queremos competir violentamente para consumir cada vez mais e ficar com uma sensação crescente de falta de tempo?”, pergunta o autor de livros como *Felicidade*, *Autoengano* e *O Valor do Amanhã* (Companhia das Letras).

Ph.D. pela Universidade de Cambridge e professor do Insper, Giannetti esmiúça um dos grandes paradoxos da história humana, calcado no Iluminismo, quando se fez acreditar que o aumento contínuo da prosperidade elevaria o grau da felicidade.

Mas calma lá. Mesmo que a discussão da felicidade invalide o argumento do capitalismo, baseado no crescimento econômico perpétuo, a equação matemática é mais complicada. Há 4 bilhões de pessoas que ainda precisam atingir o nível de conforto básico, a partir do qual passariam a aspirar outras formas de felicidade, para além do consumo material. Os recursos naturais limitados darão conta de prover esse conforto mínimo para todos? Uns diriam que a saída está na tecnologia. Giannetti discorda. A tecnologia até pode ser a resposta, mas qual é mesmo a pergunta? O que nos remete ao início.

O que o levou a se debruçar sobre o tema felicidade? O senhor acredita que este é o valor supremo, que move todos os seres humanos? Eu sempre me preocupei com um tema que é central: a ética, a melhor vida ao meu alcance. E acabei me voltando para um estudo sistemático, na história da filosofia, das diferentes concepções da melhor vida para o ser humano. A certa altura, percebi que havia um esforço recente de pesquisa empírica, especialmente por economistas, sobre os determinantes da felicidade. E me ocorreu juntar as pontas. De um lado, a discussão de felicidade que vem pelo menos desde a Grécia Antiga. E, de outro, um esforço mais empírico de estudo sobre o que se passa com a vida humana na medida em que as condições externas, de renda, de saúde, de longevidade, alteram-se.

Sempre me interessou e inquietou muito a relação entre a dimensão objetiva da vida, aquilo que pode ser observado e medido, e a dimensão subjetiva, que se passa na interioridade e na imaginação humanas. E esse tema da felicidade é particularmente rico, porque os resultados mostram que não há uma relação bem-comportada entre uma e outra. Os filósofos e economistas imaginaram, no passado, que, quanto mais progredisse a civilização, mais os homens se tornariam felizes.

É aquela pergunta norteadora do seu livro, *Felicidade...* Sim, da harmonia preestabelecida entre o processo civilizatório e a felicidade humana. Alguns autores, no passado, questionaram essa ideia. E os resultados empíricos confirmam que não há uma relação tão linear. O que é uma boa notícia para quem se preocupa com sustentabilidade. Se houvesse uma relação direta entre aumento de renda e do bem-estar subjetivo, não haveria argumento para propor um mundo em que a maximização da renda, o domínio da natureza pela tecnologia e o progresso em sentido econômico deixassem de ser a grande prioridade. Já que não há essa relação a partir de certo nível de renda, outras coisas mais importantes devem ser consideradas.

A felicidade desmente a tese capitalista do crescimento econômico contínuo? O crescimento não é um fim, é um meio para a realização e para o bem-estar humano. Mas é um meio que se esgota. A partir de um determinado nível de renda, que não é lá tão alto, não há evidência de que mais renda se traduza em vidas mais plenas, felizes e dignas de serem vividas.

Esse seria um parâmetro que deveria orientar o desenvolvimento, enquanto se rediscute esse conceito para além do desempenho econômico? Nós sabemos hoje que o progresso econômico não redundava em níveis crescentes de felicidade e nós sabemos que o progresso econômico ameaça o equilíbrio ecológico do planeta. Estas são as duas grandes realidades do século XXI. E nós precisamos entender quais são os caminhos alternativos que podem emergir a partir desses limites. Que outros valores podem, daqui para a frente, orientar as vidas humanas.

E quanto a outros valores, a como justiça, liberdade, democracia? Ao usar a felicidade como valor norteador não se corre o risco de encobrir dilemas, dores e sofrimentos que são necessários ao aperfeiçoamento humano e da sociedade? Nada é tudo. Nem a felicidade é tudo. E não é o único parâmetro da espécie humana. Depende muito de como você concebe a felicidade. Uma coisa é estar feliz. É um estado de ânimo. Outra coisa é o ser feliz: o que eu fiz da minha vida, e até que ponto a vida que tenho é satisfatória ou é algo em que eu me reconheça. O que interessa mais para a perspectiva filosófica é a dimensão existencial e ética do ser feliz. E, nessa dimensão, a maximização da felicidade local nem sempre é o melhor caminho. Uma vida plena contempla uma dose razoável de frustração, descontentamento, infelicidade. Porque é uma vida criativa que busca ser alguma coisa que não é.

Eu posso conceber uma vida que tenha momentos alucinadamente felizes e, no entanto, no arco de uma trajetória, não seja bem vivida. A relação entre o ser e o estar feliz não é trivial. Os jovens, de um modo geral, pensam a felicidade na dimensão do estar feliz. O que a maturidade traz, quando ela vem, é uma perspectiva de que a melhor vida não é uma que olha só para o que eu posso fazer agora em termos de prazer. E aceita que, muitas vezes, para você conseguir alguma coisa que faça sentido no tempo, é preciso abrir mão de outras que fazem sentido localmente. Esse é um passo difícil para o ser humano, especialmente na juventude, quando tudo clama pelo momento.

Já que estamos falando de limites e frustrações... a sustentabilidade tem muito disso. Na sua veia mais ambientalista, tem impregnada a defesa do comedimento, da privação do consumo considerado frívolo, uma preocupação constante com o futuro. Esse discurso coaduna com felicidade? Sem dúvida. Nós estamos falando de duas dimensões que têm uma estrutura comum. Na vida pessoal, a ideia de que a melhor vida requer uma boa dose de abnegação e de sacrifícios, em nome de objetivos futuros, e também de aposta, porque não temos nenhuma certeza de que esses objetivos serão alcançados. E, na dimensão coletiva, aceitar que a frustração e o descontentamento são os grandes motores da mudança. E que consumir todos os recursos do planeta a curto prazo para maximizar um hedonismo certamente comprometerá as gerações futuras e a própria viabilidade biológica da espécie.

Então não há uma incoerência entre sustentabilidade e felicidade quando se concebe essa dimensão do sacrifício? Depende como você concebe a felicidade. A pergunta que nós precisamos nos fazer é: consumo, renda, progresso econômico indefinidamente dão sentido ao esforço coletivo da humanidade? Ou será que nós já chegamos ao momento em que podemos colocar o econômico no segundo plano e buscar outro tipo de realização, mais ligado a valores da criação, da existência, dos

relacionamentos, da harmonia com a natureza, da estética, da busca do conhecimento?

Conforme falamos, alcançado determinado nível de renda, em torno de US\$ 10 mil anuais *per capita*, o aumento da renda para de exercer influência sobre a satisfação e o bem-estar. Mas há cerca de 4 bilhões de pessoas no mundo vivendo sob condições indignas e que ainda precisam chegar lá. Nesse caso, será inevitável aumentar o consumo e a renda. Mas, considerando-se a limitação de recursos, de energia, pico climático, pico do petróleo... haverá um conforto mínimo para todos? Ou seja, a felicidade será possível para todos? O primeiro ponto é que as condições de vida não garantem a felicidade de ninguém. As condições de vida podem aumentar o escopo da busca da felicidade. Mas nenhuma solução externa vai resolver para cada um de nós esse anseio de uma vida bem vivida. Foi um mito do século XX a ideia de que um sistema econômico daria conta da busca da realização e do bem-estar. Isso só pode partir do indivíduo. O que nós podemos esperar de um sistema econômico e de um arranjo institucional é que não cerceiem o desenvolvimento do potencial de cada ser humano. Na terminologia do Amartya Sen, é a capacitação.

Certo, mas essa conta fecha? Essa conta não fecha. Se você começar a extrapolar o aumento do consumo de leite, de carne, de automóvel, de ar condicionado, não fecha.

Eu me refiro a condições mínimas para que as pessoas tenham conforto e tranquilidade suficientes para buscar a felicidade, inclusive pela via imaterial. Alguns colegas meus economistas responderiam à sua pergunta dizendo que a tecnologia e a ciência vão fazer essa equação fechar. Eu não compartilho desse otimismo tecnológico.

Deverá ser uma mudança pela dor? Ou será uma mudança por modo de vida, valores, por antecipação, ou será uma mudança imposta de fora e provavelmente com o sacrifício de muitas liberdades com as quais nós estamos familiarizados.

E aí a felicidade entra onde? Aí vai ser um processo muito mais doloroso para todos. A imagem que me vem à mente é a de um fumante inveterado que tem um diagnóstico de enfisema pulmonar. Ou ele continua fumando e isso vai piorar, ou ele muda de vida e encontra outras fontes de satisfação que não o tabagismo. Como humanidade, nós estamos nessa situação. Por enquanto continuamos fumando como se nada tivesse acontecido. Por tudo que se estuda e se conhece sobre felicidade, é muito mais um assunto da imaginação do que do bolso.

É ocupar um lugar relativo de honra na mente do semelhante. Isso é uma coisa que Adam Smith já falava. A partir de um determinado nível de renda, que é baixo, as pessoas se preocupam muito mais com a posição que têm na sociedade, com o modo como os outros as percebem, do que com a satisfação direta com o consumo.

Será que a atitude contrária, que repele o consumismo, também não está se tornando uma espécie de distinção em alguns círculos? Ou seja, quanto mais “eco alguma coisa”, tanto maior é a respeitabilidade, o capital simbólico, o status? As pessoas vão competir de uma maneira ou de outra. Isso está dado. O importante é saber se essa competição resulta em alguma coisa que contribui para a melhoria da vida ou se essa competição vai resultar na destruição da vida. Tal como está moldada hoje, é a corrida armamentista do consumo e está nos levando para uma situação extremamente perigosa. Os gregos competiam no teatro, competiam no esporte, competiam na política. A competição econômica não era um valor dominante na Antiguidade.

Quando a economia passou a ter esse peso tão gigantesco? Foi com o Iluminismo? Com a Revolução Industrial? Eu tendo a crer que foi do século XVIII pra cá. E é uma democratização, de certa forma, porque nas sociedades

pré-modernas havia uma estrutura social na qual você já estava com a sua vida razoavelmente definida ao nascer. O modelo americano é que você não é reconhecido socialmente pela posição aristocrática, mas por aquilo que fez. E a moeda comum de reconhecimento social é o sucesso no mercado, a grande aspiração daqueles que querem ser *winner*s e não *looser*s. Isso começa na Europa, mas foram os Estados Unidos que levaram isso às últimas consequências.

E aí isso vem a marcar toda a cultura ocidental... Virou o grupo de referência. Todo mundo, no passado, comparava-se com o seu grupo de referência, que era o bairro, a comunidade. Com os meios de comunicação de massa, o grupo de referência da humanidade virou a mídia. Hoje você vive na imaginação um grupo de referência que está muito pouco vinculado à sua circunstância local. Um sujeito da favela do Rio, eventualmente, está se imaginando no mundo do consumo californiano.

Tem uma discussão que se iniciou num país budista, o Butão, em relação à Felicidade Interna Bruta (FIB). O Reino Unido planeja adotar um indicador nacional de felicidade, e essa discussão está no Brasil também. Haveria aí um movimento inverso, da filosofia oriental influenciando a cultura ocidental? Acho muito bem-vindo esse questionamento do PIB como a métrica do

progresso e do desenvolvimento. Se as pessoas vivem numa cidade muito poluída e passam a ter de trabalhar mais para pagar por serviços médicos, o PIB aumenta. Mas a sociedade empobreceu. É muito grave. As pessoas não têm muita noção do problema que existe em medir o progresso por um indicador exclusivamente monetário. A busca hoje é por indicadores mais abrangentes que reflitam as condições de vida e de bem-estar.

O senhor acha que a tendência é de se reverem medidas de desenvolvimento com base na felicidade? Em que ritmo isso está andando? Há muito que melhorar nas metodologias? O ritmo é lento. Acho que não há ainda uma percepção generalizada de quão limitados são os indicadores que nós temos. Mas há uma insatisfação latente que está muito disseminada. O que afinal de contas realmente importa? Essa é a pergunta. Nós queremos ter mais tempo para conviver com os nossos amigos, nossos filhos, para buscar o conhecimento, para usufruir da natureza? Ou nós queremos competir violentamente para consumir cada vez mais e ficar com uma sensação crescente de falta de tempo?

Esse é um dos grandes paradoxos dessa história toda. Tudo nos é vendido como tecnologia para economizar o tempo e, no entanto, nós carecemos cada vez mais de tempo para fazer aquilo que desejamos. O Werner Herzog, cineasta alemão, dizia que a solidão humana aumentará na proporção exata do avanço dos meios de comunicação. Nós estamos no mundo das solidões interativas. As pessoas estão hiperconectadas e cada vez mais solitárias. E têm muita dificuldade de estabelecer vínculos humanos permanentes. São relações muito fluidas, superficiais. Eu tenho milhares de amigos numa rede social e não conheço ninguém.

Sobre essa questão do indivíduo e da solidão, podemos dizer que a dimensão coletiva da busca da felicidade se perdeu em certo momento da História? Talvez depois do século XVIII, como falamos? Desde quando a busca da felicidade passou a ser feita individualmente e deixou de ser uma questão coletiva? Mas a felicidade é as duas coisas. O economista, o filósofo, o intérprete da realidade tem que se preocupar com duas coisas: com as condições gerais de existência, ou seja, a saúde, a renda, a violência, e também com o que as pessoas vão fazer de suas vidas a partir das condições com que se deparam. Felicidade tem a ver com essas duas dinâmicas.

Os grandes economistas e filósofos do Iluminismo estavam muito preocupados em melhorar as condições gerais, acreditando que isso por si só garantiria vidas cada vez mais felizes e dignas. O que a experiência vem mostrando é que não é tão simples. A humanidade avançou muito nos indicadores biométricos, econômicos e gerais de bem-estar objetivo, mas não houve uma contrapartida observável de realização, de felicidade.

No passado, muitos filósofos tinham uma ideia substantiva de qual era a melhor vida. “Devemos viver assim.” A minha postura não é tão ousada e tão ambiciosa. Eu acho que nós

podemos imaginar quais são as condições que, ao serem atendidas, permitirão a cada indivíduo encontrar e realizar a sua própria visão da melhor vida.

Aí entra um componente de liberdade? Sim, de liberdade. E de descoberta. O valor da liberdade é permitir aos indivíduos, dentro de certos parâmetros, experimentar.

Quando se pensa em indicadores, ou numa política pública, como se pode trabalhar um grau tão variado de interpretações? A política pública deve dar condições para que os indivíduos possam perseguir à sua maneira a sua visão da melhor vida. Não vai dizer: “Viva desse jeito”. As tentativas de tolher demais essa liberdade acabam gerando resultados ruins e não antecipados.

Mas, então, como é que se afere a felicidade? Você pergunta para os indivíduos: como é que você se sente em relação à vida que você leva? É autodeclaratório. A outra linha de pesquisa é a felicidade no sentido do estar feliz. Os sentimentos que você tem ao longo de um intervalo de tempo.

Quer dizer, se um dá uma nota 5, outra pessoa na mesma condição em outro país pode dar uma nota 10. Eu evito comparar países. Eu acho mais interessante olhar no tempo um determinado país ou cultura. E há outros indicadores: tentativas de suicídio, número de vezes em que se precisou de ajuda profissional em relação a problemas de ordem psíquica. Até a genética conta na felicidade individual. Tem pessoas com maior capacidade de desfrutar a vida do que outras. Mas eu acho que o mundo é melhor pelo fato de existirem muitas visões diferentes do que é viver bem. Eu gosto de estar num mundo em que isso pode ser definido por um Casanova, por um Fernando Pessoa, por uma Janis Joplin, por um Kant... Pessoas buscando novas possibilidades de realização e dedicando suas vidas a isso, mesmo sabendo que podem não encontrar nada.

A sustentabilidade tem um *bottom line* social que leva em conta um sistema complexo, interdependente, e não o plano individual. Será que o indivíduo, na resposta que dá sobre felicidade a uma pesquisa, leva em conta essa relação? Não. Quando você pergunta para o indivíduo, ele vai olhar para si mesmo, para a dimensão subjetiva da sua existência e para o seu nível de aspiração. Quanto maior o meu nível de aspiração, menor a chance de eu me declarar satisfeito com a vida que eu tenho. Toda infelicidade humana resulta de uma discrepância entre o que eu desejo e o mundo como ele é. Tem duas maneiras de reduzir esse descolamento. Ou você altera o mundo para que ele seja mais próximo daquilo que você deseja, ou, ao contrário, altera os seus desejos e as suas expectativas de modo que, não importa o que aconteça, isso não perturbe o seu bem-estar.

O que pode parecer conformista. São duas estratégias puras.

Uma é voluntarista, a outra é adaptativa. O mundo ocidental é uma aposta gigantesca no primeiro caminho. É a tecnologia, o domínio da natureza, o progresso econômico. É a tentativa de moldar o mundo de modo a que ele atenda a todos os meus caprichos e vontades. A estratégia tradicional do Oriente é a da resignação: não importa qual seja o estado de coisas, não se pode permitir que isso altere a minha paz interna e o meu estado de imperturbabilidade.

Toda vida humana individual é uma combinação de estratégias transformadoras e adaptativas. Eu acho que nós estamos caminhando para um estado em que teremos de aceitar limites e buscar maneiras alternativas de encontrar a realização. Lamentavelmente, o Oriente, que era um grande e fiel depositário dessa visão mais contemplativa e menos arrogante, embarcou de maneira muito entusiasmada no projeto iluminista do progresso.

O senhor se refere a que Oriente? Estou falando da China, da Índia, dos mercados emergentes que estão aspirando novos níveis de consumo. As pessoas estão desesperadamente buscando alcançar equiparação com um grupo de referência que é a Europa e os Estados Unidos. Essa conta não fecha. E aí tem um paradoxo que eu estava estudando recentemente. Tecnologias que aparentemente melhoraram a relação consumo-produto, ou seja, dependem de menos energia e menos recursos naturais para gerar utilidade e satisfação, não melhoram coletivamente a situação ambiental. O ar condicionado é um exemplo: se você obtém um ar condicionado a um custo muito menor de energia, você massifica o produto, e aí a demanda se torna muito maior.

É o chamado efeito ricochete, ou rebound effect. É. Eu vi um dado espantoso. O consumo hoje de energia nos Estados Unidos só para refrigeração é maior do que era o consumo todo de energia nesse país nos anos 1950. E agora isso está se espalhando em uma escala planetária.

O que mostra que a tecnologia não será a única resposta... A tecnologia pode ser a resposta, mas qual é a pergunta? (*risos*) (*Em Felicidade, Giannetti cita um button ecológico dos anos 70, com a expressão “Technology is the answer. But, what’s the question?”*)

Mas quando uma ideia que parte de um país como o Butão, oriental, com toda a filosofia budista, e vai se consagrar no centro do capitalismo, como no caso do Reino Unido, não tem aí uma mudança? Eu acho que há certa mistificação nessa história, porque o Butão é um Estado autoritário. Eu quero ir à rua no Butão e perguntar para as pessoas se elas podem escolher como se

vestem, se podem viajar como gostariam, se estão satisfeitas com o seu nível de renda... Nós precisamos de um processo que venha de baixo para cima.

E o Brasil? O senhor acha que o País alimenta uma obsessão pela alegria? Existe um exibicionismo hedônico no Brasil. O que me preocupa é que há muita ênfase no *estar feliz* em lugar do *ser feliz*. O Brasil é imbatível quando se trata de desfrutar o momento que se oferece. Mas, quando se trata de aceitar algum tipo de sacrifício agora para conquistar objetivos futuros, a dificuldade é enorme e às vezes intransponível.

Por um lado, é legal e bonito. Desperta certa perplexidade no resto do mundo. Como é que essas pessoas, que vivem em condições objetivas tão precárias, podem desfrutar a vida a cada momento de maneira tão plena? É o componente africano pré-moderno e indígena. Mas isso tem que ser moderado com uma perspectiva temporal que nos permita também resolver problemas permanentes da nossa convivência.

Tem um mito grego que capta bem isso: o dos irmãos semideuses, Prometeu e Epimeteu. Em grego, Prometeu significa “o que pensa antes de agir” e Epimeteu é “o que age antes de pensar”. Os dois foram punidos pelos deuses. O Prometeu porque roubou o fogo, a tecnologia, que representa o que custou à humanidade a prudência

excessiva, a racionalidade. E o Epimeteu, que vive e desfruta o momento de forma muito livre, também foi punido. Ele se casa com Pandora e abre a caixa nupcial da qual saem todas as mazelas. No fundo, Epimeteu e Prometeu refletem essa realidade do ser feliz e do estar feliz. O que nós buscamos, e essa é a minha utopia de Brasil, é a civilização sem o mal-estar. É o conforto, a segurança, a racionalidade de Prometeu, com a alegria de viver, a espontaneidade e o doce sentimento da existência de Epimeteu.

O risco dessa utopia é buscar o melhor dos dois mundos e terminar no pior: o mal-estar sem a civilização. Você não alcançou um padrão de civilização razoável, mas ao mesmo tempo já perdeu aquela alegria característica dos povos pré-modernos.

Então o caminho seria esse, o de buscar o ser e o estar feliz ao mesmo tempo? É encontrar maneiras de tensionar o ser e o estar feliz de uma forma nova. O que pode alimentar essa pretensão é o fato de que culturas pré-modernas permanecem de maneira muito viva e porosa na cultura brasileira. Isso nos dá um diferencial. A Argentina, se tudo der certo, é um país europeu medíocre. O Brasil e o México, na América Latina, têm alguma coisa diferente, têm um passo rico que pode ser metabolizado de uma maneira nova nesse processo de civilização e participação no mundo moderno. **■**



“FELIZ FOI **ADÃO**, QUE NÃO TEVE **SOGRA NEM** **CAMINHÃO**”

Na busca de indicadores de desenvolvimento que **destronem o PIB** **do reinado absoluto**, será que a felicidade deve ser o parâmetro?

POR Amália Safatle # COLABORARAM Ana Cristina d'Angelo e Flavio Gut # FOTO Galápagos

Depois de um caudal de informações e opiniões colhidas em entrevistas durante mais de uma semana, ligo o rádio e quem está lá é Mario Prata, com toda a concisão dos cronistas: “No Brasil, o fracasso não faz o menor sucesso”.

Talvez não o faça também em outros lugares, mas no país obcecado pela alegria das celebrações e pelo sucesso esfuziante, o fracasso pega muito mal. O Velho Mundo que fique lá com suas cinzas taciturnas, enquanto a Colônia festeja com serpentinhas a tropicalidade personalizada no calor humano.

Viver alegre hoje é preciso/ Conserva sempre o teu sorriso/ Mesmo que a vida esteja feia/ Que vivas na pinimba/ Passando a pirão de areia. A ironia do samba de Noel Rosa é lembrada por Ricardo Abramovay, professor titular do Departamento de Economia da FEA-USP, quando provocado pela pauta “felicidade”:

– O Brasil é obsessivamente feliz, é uma obrigação, não é uma decorrência. O problema disso é que uma vida que vale a pena ser vivida envolve um componente reflexivo. Não pode deixar de ter lugar para a não felicidade. A dor, a depressão, a tristeza, a perda. Isso faz parte. É aterrorizadora a ideia de uma sociedade que fosse apenas feliz.

Aqui, a gente até faz troça de questões existenciais, a começar dos para-choques de caminhão nas estradas da vida.

“Se um dia sentir um grande vazio dentro de você, come que é fome”

Abramovay pergunta se a felicidade deve ser mesmo um parâmetro de desenvolvimento na grande discussão que toma corpo no Brasil e no mundo, em busca de uma régua melhor que a do Produto Interno Bruto. Como mostra reportagem à página 28, **a felicidade e o bem-estar** têm ganhado espaço como critérios a serem levados em conta para além do simples crescimento econômico no reinado absoluto do PIB.

O seu ponto é que a felicidade como parâmetro pode escamotear situações nas quais os indivíduos estão privados de suas liberdades e, até mesmo, de necessidades básicas, mas, no entanto, acabam encontrando uma forma de sobreviver e ainda tirar proveito da vida – porque é só o que lhes resta.

– Mulheres em situação de opressão extrema em sociedades totalitárias não são mulheres que passam sua vida na felicidade, mas muitas vezes encontram espaços em que são felizes. E é importante que encontrem, senão sua sobrevivência seria impossível. Mas você vai dizer que elas estão bem porque muitas vezes são felizes? – questiona Abramovay.

Para ele, o problema de definir a felicidade como principal parâmetro é que talvez haja outros critérios que não dependam estritamente da subjetividade dos indivíduos e sejam mais importantes: a honra, a tranquilidade, a resiliência, a capacidade de organizar a vida de modo a saber enfrentar os problemas por que se passa. Para a comunidade, os valores são a militância, o compromisso com a causa. “Se você caracterizar

tudo isso como felicidade, a gente passa a não saber mais do que está falando.”

“Se não é feliz, não é sustentável”

Não, esta não é uma frase de para-choques de caminhão. É o mote que a Gaia Education, rede de educadores voltada para o urbanismo sustentável, adotou para nortear suas ações. O que de certa forma nos fez, em PÁGINA22, questionar se a felicidade e a plenitude do indivíduo seriam os próximos passos nas discussões sobre sustentabilidade, até então muito centradas em escopos coletivos, como o social, o ambiental, o econômico.

Muito mais que na definição da Comissão Brundtland, que se refere a “satisfazer as necessidades das gerações presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer as suas necessidades”, ficamos pensando se a evolução natural de “satisfazer necessidades” seria “buscar um mundo melhor”, em que as pessoas se sintam bem. E felizes.

Quem responde é Susan Andrews, antropóloga pela Universidade Harvard, fundadora do Instituto Visão Futuro e responsável por trazer ao Brasil o conceito de **Felicidade Interna Bruta (FIB)**, desenvolvido na década de 70, no Butão, como um indicador a substituir o PIB:

– Eu não diria que a felicidade é o próximo passo na evolução das discussões sobre sustentabilidade. Diria, sim, que a sustentabilidade e a felicidade humana são dois dos principais temas na discussão sobre a evolução da vida na Terra. Como espécie, estamos nos tornando mais e mais infelizes, e essa nossa infelicidade está diretamente relacionada à da Mãe Terra – solos, água potável, clima, biodiversidade, oceanos, florestas, tudo isso está em crise. *(A quantidade de pessoas com problemas psicológicos também tem aumentado, como mostra quadro à página ao lado.)*

“Não sei se o FIB é o melhor caminho, mas a tentativa é muito válida”, afirma o arquiteto MarCelo Todescan, do Instituto Centro de Referência, Integração, Sustentabilidade e Pesquisa. Isso porque a discussão em torno da felicidade tem pelo menos dois efeitos. Um deles, em

O FIB tem nove dimensões: bom padrão de vida econômica, boa governança, educação de qualidade, saúde, vitalidade comunitária, proteção ambiental, acesso à cultura, gestão equilibrada do tempo e bem-estar psicológico

Talvez haja outros critérios mais importantes e menos subjetivos: resiliência, honra, comprometimento

DE PERTO NINGUÉM É NORMAL, MAS A COISA TÁ FEIA

DA CIDADE AO CAMPO, DE CRIANÇAS A ADULTOS: O DIAGNÓSTICO CORRE LONGE DA FELICIDADE

A doença da moda, o mal da civilização ou a herança maldita do século XX – seja qual for o título –, parece estar aumentando a cada ano. Digo parece porque não há estatísticas sobre a incidência da depressão no Brasil. Existe um dado da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontando que entre 20% e 25% da população mundial teve, tem ou terá depressão, e o maior percentual está entre as mulheres.

Valentim Gentil Filho, chefe do departamento de psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, acredita que os hábitos da vida moderna tenham contribuído para aumento da doença. Em entrevista ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura, ele disse que menos horas de sono, consumo de álcool e drogas e os estressores da

vida urbana, que exigem do cérebro mais do que ele pode, e em tempo integral, sinalizam para o crescimento de doenças psíquicas na população. Isso não significa que a depressão atinja apenas os moradores das cidades. Quem vive no campo pode conviver melhor com o transtorno ou pode não ter sido notificado. O consenso da área psiquiátrica é que o sistema de saúde não está preparado para lidar com esses males, tanto nos primeiros cuidados como no ponto crucial: um diagnóstico correto.

O presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria, Antônio Geraldo da Silva, avalia que, mais que a depressão, a preocupação atual é com a epidemia do *crack*. “Não temos nada quanto à prevenção e as pessoas estão morrendo”, afirma. Outro

dado tenebroso é o aumento do número de suicídios em São Paulo, levantamento feito pelo Ministério Público. O número pulou de 581 casos em 2000 para 946 no ano passado, são quase três mortes por dia. O promotor Maurício Lopes acha que “a cidade está matando as pessoas de infelicidade”.

Como se não houvesse como piorar, as próximas gerações começam a dar indícios de sofrimento psíquico. Pesquisa da Associação para o Controle do Estresse (ISMA-BR) feita com crianças de Porto Alegre e São Paulo mostra que os pequenos apresentam dores (60%), distúrbios do sono (36%), diarreia e constipação (28%), enjoos e náuseas (19%) resultantes do excesso de tensão, da desaprovação dos adultos e do excesso de atividades. (ACD)

sua opinião, é resgatar a capacidade do ser humano de sonhar.

“Antes eu sonhava, hoje nem durmo mais”

– Estamos perdendo a capacidade de sonhar com um futuro bom. Diante da perspectiva de um mundo sombrio, que é apresentado por Hollywood por meio de uma série de filmes-catástrofe, tende-se à paralisia. Justamente quando há necessidade de ação imediata – diz Todescan. [1]

TOME NOTA

1 Leia sobre o resgate das utopias em pagina22.com.br/index.php/2011/02/uma-chance-para-o-futuro. E sobre ecoansiedade em pagina22.com.br/index.php/2008/09/ecoassombração

Todescan vê o FIB como um dos diversos movimentos em curso que buscam a transição de um modelo insustentável – baseado em energia fóssil, no consumismo e na superexploração dos recursos naturais – para outro que viabilize a vida e o bem-estar na Terra.

E o outro efeito da discussão sobre felicidade é atacar de frente a lógica capitalista, baseada no crescimento econômico contínuo.

“Não tenho tudo que amo, mas amo tudo que tenho”

A felicidade faz a gente questionar o que realmente importa, como diz o economista Eduardo Giannetti, em entrevista à página 14. De certa forma, alinha-se com o que é chamado em Economia de lei da utilidade marginal decrescente: quando

se está com sede, o primeiro copo d’água tem uma utilidade e um valor enormes. O segundo, menos. E beber o terceiro talvez seja até um sacrifício.

Assim, a felicidade pode aumentar à razão direta do crescimento econômico. Mas depois de certo ponto – estudos mostram que a partir de US\$ 10 mil anuais *per capita* – maior prosperidade não garante mais bem-estar subjetivo. Isso é tiro certo no coração da lógica capitalista e talvez explique como a publicidade se aperfeiçoou na arte de persuadir as pessoas a desejarem ardentemente aquilo que para elas não faz a menor falta. O custo da fantasia inebriante do consumo é que chegamos a 70% das famílias endividadas, sobretudo as de menor renda, segundo o IBGE. *(Mais na versão digital desta reportagem)*

Na edição de janeiro/fevereiro da revista *Adbusters*, um artigo intitulado “Qual o problema de ser o número 2?” mostra o Japão como o primeiro país que pode optar pela chamada economia *steady-state*, que prevê prosperidade sem crescimento. E longe dali, na Escócia, a ecovila de Findhorn vem provar que os limites ao crescimento e ao consumo não necessariamente são dolorosos. Findhorn é uma espécie de laboratório do mundo sustentável que funciona há 50 anos.

A brasileira May East, que mora nele há 20 e dirige a Gaia Education, afirma: “Estou em uma ecovila, mas dedico meu trabalho às grandes cidades”. Lá, conta ela, consome-se metade dos recursos e se gera metade dos resíduos em relação à média da Grã-Bretanha. “Pelos indicadores tradicionais, a gente estaria

Para Aristóteles, a realização do indivíduo estava na coletividade. A cultura da partilha pode resgatar isso

abaixo da linha da pobreza. Mas o que se vê aqui é qualidade de vida”, diz.

A começar do melhor uso do tempo. May conta que muitos dos empreendedores sociais em Findhorn trabalham de 3 a 4 dias por semana e, nos demais, dedicam-se a outras atividades para as quais nunca tinham tempo. Findhorn sustenta-se em três pilares: sistemas econômicos, desenhos ecológicos – como tecnologias voltadas para a bioconstrução, a produção de alimentos e a geração de energia – e desenho social, o que inclui governança e processos participativos.

Ainda assim, a pegada ecológica da ecovila é superior a um planeta, ou seja, se todo o mundo operasse como Findhorn, seria preciso mais recursos do que a Terra pode prover. Nas megacidades, em qualquer parte do mundo, a taxa varia de 5 a 7 planetas, informa Todescan.

“Praia de pobre é caminhão de areia”

O nó da sustentabilidade – e por decorrência do bem-estar e da felicidade – é que o modelo vigente, o chamado *business as usual*, não dará conta de sustentar os cerca de 9 bilhões de pessoas estimados até 2050. “E ainda temos de assegurar consumo mínimo, hoje, para 4 bilhões de pessoas que estão abaixo de um nível de vida decente – baseio-me no *The Next 4 Billion*, do Banco Mundial”, diz o economista Ladislau Dowbor, professor titular da PUC-SP.

Lembremos que, a partir de determinado nível de renda, o aumento de prosperidade não garante aumento de felicidade. Mas até lá, sim, e nesses casos as necessidades e as aspirações são muito materiais (*quadro à pág. 26*). Haverá recursos naturais para todos? E dá para ser feliz diante dessa perspectiva?

No Brasil, há 200 milhões de habitantes, dos quais 60 milhões formam um tipo de Quarto Mundo, que precisam dramaticamente ter acesso a um consumo mais decente. E mais 60 milhões que não são Quarto Mundo, mas têm possibilidades muito limitadas de consumo.

– Temos o outro lado disso, que é absolutamente perdulário e esbanjador, com aumento de riqueza ligado à **concentração de renda**. Os EUA têm 4% da população

mundial e emitem 25% dos gases de efeito estufa. Isso tem seu correspondente no Brasil: na beira da Marginal Pinheiros, em São Paulo, são vendidos apartamentos de R\$ 14 milhões a unidade, com alto consumo associado de tudo: automóveis, ar condicionado etc. – diz Dowbor.

“É um modelo de consumo que só se viabiliza às custas dessa maioria pobre”, sublinha. E, mesmo assim, já ultrapassamos em 30% a capacidade do planeta de se autossustentar.

O professor, no entanto, está convencido de que o problema não é de sobrecarga do planeta por volume de demanda, mas pela forma de acumulação dos processos produtivos. Na pesca oceânica industrial, por exemplo, 25% é jogado fora, porque não se obtém bom preço no mercado. Do que é produzido no sistema industrial, 25% a 30% perdem-se nas más condições de manuseio, de transporte e estocagem.

O outro eixo é o do consumo. O cidadão paulistano joga 1 quilo de materiais fora por dia. Saquinho de plástico, caixinha de leite. Tem muita energia e matéria-prima embutida aí que simplesmente vai para o lixo.

Assim, Dowbor acredita que há como incluir os 4 bilhões de pessoas, mas dentro de um modelo mais inteligente, que saia do sistema linear (extrai da natureza – transforma na indústria – consome – joga no lixo) para um sistema circular:

– Pega o famoso caso do cara dos tapetes [*a empresa Interface*] que, até 2020, estará repondo tudo o que extrai da natureza. A Siemens hoje já produz equipamentos em que as peças são montadas de tal maneira que é possível removê-las depois que o aparelho serviu e usá-las em outros produtos.

“Devagar se vai ao longe, mas demora um tempo”

Essa clara exaustão do modelo ocidental de desenvolvimento, amparado nos ideais do Iluminismo, teria dado abertura para uma concepção oriental – de maior conformidade do homem com os limites da natureza, em vez de buscar dominá-la, transformá-la e extrair o máximo dela no menor tempo possível.

Amós Nascimento, professor da Universidade de Washington, em Seattle, especula que isso talvez explique a disseminação de ideias como o FIB, favorecida também pela globalização e pela aproximação comercial entre Ocidente e Oriente, ainda que a China esteja crescentemente aderindo ao modelo de vida norte-americano.

Abramovay, da FEA, acrescenta que esse tipo humano mais-é-sempre-melhor, derivado do Iluminismo, não fez parte da pólis grega, nem da Idade Média, nem do monastério beneditino, nem das sociedades tribais. É, sim, resultado da fase da humanidade em que a célula básica passou a ser o indivíduo.

Isso surge no Renascimento e passa a ser teorizado na Filosofia pelo utilitarista Thomas Hobbes, a partir do seguinte pensamento: Vou viver em sociedade porque pra mim é melhor. E sociedade não passa de um con-

junto de átomos que se relacionam de maneira efêmera em um ambiente que é o mercado. Qual é a força desses átomos? O desejo de adquirir. Assim, relaciono-me com os outros a partir desse desejo.

– Nas 24 horas da História da humanidade, esse ideário equivale a poucos minutos e certamente vai desaparecer. Talvez a economia da partilha, com toda essa cultura contemporânea de internet, seja um começo de desaparecimento. Em vez de ser pela estatização, como previa [*Karl*] Marx, está desaparecendo de outra maneira. A noção de felicidade para Aristóteles é social. A realização máxima do indivíduo está no outro. Na visão moderna, está nele mesmo. O que nos diferencia do grego é que o cidadão grego é um portador de relações com o conjunto da comunidade – diz Abramovay.

O professor acha que a discussão da felicidade sob esse prisma da coletividade torna-se mais interessante. Em vez de bens posicionais – que te dão prazer por se sentir em posição superior ao outro, são efêmeros e levam a uma corrida

competitiva –, os bens relacionais estimulam a relação com o coletivo, com o próximo. [2]

TOME NOTA

2 *Leia mais a respeito no capítulo IX do livro Economia Civil – Eficiência, equidade e felicidade pública (Ed. Cidade Nova), de Luigino Bruni e Stefano Zamagni*

Nessa mesma linha, Susan Andrews lembra que Elinor Ostrom ganhou o Prêmio Nobel em Economia em 2009 por mostrar que comunidades podem se auto-organizar cooperativamente para solucionar até mesmo os mais difíceis problemas ambientais comuns. “Precisamos olhar para os lados biológico e social usando a mesma estrutura de referência. Isso é pensamento sistêmico”, diz.

– A questão da felicidade parece então se inscrever na *relação*: com a natureza, com os outros, consigo mesmo ou até mesmo com o divino – afirma Patrick Paul, professor associado do Département des Sciences de l'Éducation et de la Formation, da Université François-Rabelais de Tours – Num certo sentido,



➤ “DINHEIRO NÃO É TUDO, MAS É 100%”

Queimado de sol e com a aparência de quem acabou de chegar de férias, o zelador Valmácio Araujo Silva (foto) nem de longe lembra o homem que, em 1991, teve de mandar o filho mais velho de volta para o Nordeste e a esposa e o filho menor para morar com os irmãos, enquanto vivia perambulando com a mochila nas costas sem residência fixa.

Com uma renda familiar de mais de R\$ 4.000, o piauiense de Parnaíba conseguiu este ano realizar um antigo sonho e viajou com a família de carro até sua terra natal. “Foram 12 mil quilômetros de carro, uma viagem sensacional.” O automóvel, para ele, significa “liberdade, independência”. Já o porteiro e auxiliar de serviços gerais Francisco Araújo Marques, cearense de Martinópolis, 38 anos, não quer nem ouvir falar de carro. Mas por opção. Com os

R\$ 1.800 que ganha poderia facilmente financiar um veículo. Mas prefere andar de bicicleta, sua paixão. “Eu bem que poderia comprar uma moto ou um carro, mas não quero. É muito barulho.” Em casa, Francisco tem o básico para uma pessoa “classe média”. “Poder comprar o que a gente precisa é muito bom. Faz muito bem pra gente.”

Pureza Luna Matos não sabe explicar a razão, mas sente que hoje está mais fácil comprar. “Hoje em dia me sinto uma rainha”, diz. Baiana de Tucano, 41 anos, separada e mãe de três filhos, Pureza autodeclara-se uma pessoa feliz. Depois de trabalhar quase cinco anos como faxineira, foi promovida e hoje é babá de duas crianças, ganhando R\$ 1.500. Vive em casa própria de três andares com as duas filhas.



Seguir o mesmo caminho de Pureza e comprar uma casa própria é o que deseja a pernambucana Ana Paula de Souza Salvador, de 20 anos. Determinada, essa lutadora de *tae kwon do* que deixou Tupanatinga aos 17 anos para ir de caminhão a São Paulo, guarda R\$ 100 por mês na poupança. Começou lavando pratos e hoje comanda mais de 20 pessoas em uma multinacional da indústria de alimentos, onde ganha R\$ 1.400. “Meu sonho de consumo é a casa. Mas a maior felicidade é acordar e saber que estou viva”. (FG)

não existe separação entre desenvolvimento sustentável e o olhar que temos sobre nós mesmos. Daí vem o conceito de “desenvolvimento sustentável da pessoa”.

Para Paul, as iniciativas transdisciplinar e transcultural constroem pontes e vínculos *entre, através e além* das relações entre a natureza e o homem.

“O que não me destrói me fortalece”

Mas não havia como finalizar este texto que não fosse com Luiz Fuganti, arquiteto, professor e escritor, livre de vínculos institucionais, criador de um movimento chamado Escola Nômade de Filosofia.

Diante da pauta felicidade, ele ataca com a história do polvo, citada pelo psicanalista e filósofo Félix Guattari. O animal, que se desenvolvia em água poluída, morreu logo após ser transferido para uma água de mar límpida. Que mensagem tem aí?

Há uma diminuição da vida quando se imagina que ela só vive sob condições ideais

– Que buscar felicidade é coisa de gente muito humilde. Não tem nenhuma conquista nisso. Há uma diminuição da vida quando a gente imagina que ela só vive sob condições ideais. É como se a vida fosse incapaz de transformar “o fora” em “dentro”. É como se a gente desqualificasse a natureza, não entendesse o modo dinâmico como ela opera. Aquele ambiente poluído pode ser aproveitado e processado. Eu amo quem se envergonha quando a sorte cai a seu favor. Não importa o que acontece a ele, vira matéria de criação, vira fonte de produção – diz Fuganti.

Essa é uma maneira de trocar em miúdos a concepção de niilismo ativo do filósofo Friedrich Nietzsche, baseada na ideia da transmutação.

– Ou seja, em vez desejar mundos ideais de felicidade e sonhar, você cria valores porque mudou a natureza do seu desejo. Ele passa a ser autossustentável. Se o desejo não for autossustentável, você não terá sustentabilidade de nada. Dessa sustentabilidade, eu nunca ouço falar.

Fuganti usa mais uma parábola:

– O resultado dos dados que eu lancei é necessariamente vencedor. Ah, eu idealizei 6, mas caiu 2? Pois com esse 2 tenho tudo, não me falta nada. Com esse 2 que me lanço de novo. Tenho, a cada momento, um preenchimento pleno de mim mesmo. Se quiser chamar isso de felicidade... mas é tão pouco nomear assim, não acha? ¹²²



Na versão digital desta reportagem em www.fgv.br/ces/pagina22, acesse mais dados sobre a situação psicológica de jovens e crianças, sobre o endividamento dos brasileiros, e leia artigo (em francês) de Patrick Paul

Coluna

DANIELA GOMES PINTO

Pesquisadora do GVCes e mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela London School of Economics and Political Science

Vai que é tua, Taffarel

Clarice Lispector, Homem-Aranha e Galvão Bueno já

pregavam: **vamos assumir mais nossas responsabilidades**

Outro dia vi o *Homem-Aranha* com meu filho. Me encantei com a história do menino que ganha poderes ao ser picado por uma aranha. Mas o tio dele, antes de morrer, alerta: “Grandes poderes trazem junto grandes responsabilidades”. O que me fez pensar que está cada vez mais difícil formar super-heróis.

Uma colega de trabalho levou um susto tempos atrás. Em sua primeira viagem a campo, em um lugar remoto do Brasil, começou a sentir dores nas pernas. Procurou o médico local, que especulou ser trombose. Mas ele não tinha equipamentos para confirmar o diagnóstico, e liberou a garota. Dois dias e muitas viagens de barco e avião depois, ela foi atendida e medicada. Mas a trombose poderia ter sido confirmada apenas pelo diagnóstico clínico – os sintomas e o histórico familiar eram ululantes. Se o médico a tivesse medicado e orientado ali mesmo, minha colega não teria corrido os riscos que correu, do alto de seus 23 anos.

Outra amiga foi ao ginecologista porque sentia um caroço no seio. O médico mal a olhou e imediatamente pediu exames. Lá foi ela, para os exames todos, por dias sendo perseguida pelo fantasma do câncer. Pois então resolveu ir em um tio médico, que olhou, apalpou o tal caroço, conversou com ela, olhou mais uma vez, grudou um bife em cima e *voilà* – o câncer saiu: era um berne, uma nojenta larva de mosca que cresce embaixo da nossa pele.

É cada vez mais raro encontrar médicos

que apalpam a gente, conversam, especulam diagnósticos. Pra tudo é exigido um exame ou um equipamento que garantam que o que eles estão vendo é aquilo mesmo que estão vendo. Eles não querem mais arriscar. Não com os pacientes deles.

Essa aversão a riscos poderia ser “coisa de médico”, mas receio que não são só eles. A pediatra do meu filho contou que se sente acuada pelos pais, que se estão tornando incapazes de tomar decisões a respeito dos próprios filhos. Outro dia uma mãe telefonou desesperada, porque a filha acabara de cair e batera a cabeça. Para tentar avaliar a situação à distância, a médica perguntou em que região da cabeça tinha sido a pancada, e se estava formando um galo. A mãe não sabia, pois não tinha olhado a cabeça da filha ainda. A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi correr para o celular e pedir ajuda “especializada”.

Pais medem a febre de cinco em cinco minutos, mas não conseguem dizer se a criança está prostrada ou animada. Uma conhecida listou quem atende o filho dela – um alopata, um homeopata, um dermatologista e um psicólogo. Não, ele não tem 50 anos, tem apenas 3. Ele é uma criança saudável e feliz, com algumas esquisitices iguais às do meu filho e iguais às das demais crianças do planeta – passe 24 horas com uma criança de 3 anos e você vai ver como eles são esquisitos! Mas ela não quer arriscar. Não com o filho dela.

Profissionais da saúde não assumem mais seus talentos únicos. Pais subcontratam o conhecimento e poder que eles, mais do que ninguém, têm sobre seus filhos. Nós mesmos, no aconchego de nossos rivotrills, não queremos entender por que mesmo estamos tristes.

De onde será que vem isso?

Talvez um pouco da resposta seja a influência de nossos vizinhos americanos. Por lá, um obeso ganha processos contra a rede de fast-food que o incita a comer mal. Pacientes são o vilão número 1 dos médicos. Se você escorrega no ketchup, a culpa não é da sua desatenção: é de quem colocou o ketchup ali, ou de quem produziu o ketchup, ou de quem inventou o ketchup.

Mas eu arriscaria dizer que um pouco também vem de uma insegurança mais profunda de nós com nós mesmos. A modernidade nos tirou a fé e nos trouxe os especialistas. E ficamos um pouco perdidos. Pedir ajuda aos universitários muitas vezes é necessário. Mas veja, até o Silvío Santos mostrou sapiência – eram apenas três as chances de chamar um desses ajudantes no *Show do Milhão*. O resto era com você. No show da vida real, a gente abusa do artifício. E, no caminho, abre mão da riqueza de nossas percepções, nossos olhares, nossos aprendizados, a sabedoria de cada um de nós. Nossos mais preciosos poderes. Me dói o coração imaginar que há médicos que não conhecem seus pacientes. Me dói ver que em vez de olharmos atenta, amorosa e calmamente para nossos filhos, recorremos a outros, desconhecidos deles, para nos dizerem qual é o “problema”. Me dói imaginar que eu mesma, em vez de escarafunchar minhas razões, posso optar pela saída fácil da felicidade medicamentosa.

Clarice Lispector foi taxativa: “Se houver um céu, uma pessoa que se sacrificou por covardia será punida e irá para um inferno qualquer. Se é que uma vida morna não será punida por essa mesma mornidão. **Pegue para você o que lhe pertence, e o que lhe pertence é tudo aquilo que sua vida exige.** Ela falava da busca de cada um por seu nó vital. E, sem querer, dava a mesma receita do tio do Homem-Aranha e do (mala) Galvão Bueno. Vai que é tua! ¹²³

O melhor lugar do mundo é aqui

Embora subjetiva, a felicidade ganha espaço como assunto de Estado.

Uma proposta é começar pela mobilização local, pois, **mais que buscar métricas, o desafio está em transformar a realidade**

POR Flavio Gut # FOTO Galápagos

Em Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, a felicidade é um dos 12 índices medidos pelos pesquisadores



assunto felicidade dá sinais de ter entrado definitivamente na agenda do século XXI. Em especial depois da constatação de que apenas o crescimento econômico não é suficiente para promover a felicidade individual e, além disso, contribui para a exaustão dos recursos naturais e a mudança climática, comprometendo a felicidade também das próximas gerações.

De críticas isoladas ao modelo centrado apenas no crescimento econômico no início dos anos 60 a uma profusão de artigos científicos e à construção de novos métodos para avaliação do bem-estar das pessoas nos dias de hoje, a felicidade passou a ser até assunto de Estado.

Talvez o mais significativo sinal dessa mudança seja a iniciativa do primeiro-ministro britânico David Cameron de seguir os passos do pequeno Butão e implantar um sistema que permita medir e entender o que é realmente importante para o bem-estar dos britânicos. O Serviço Nacional de Estatísticas (Office for National Statistics) convida os ingleses a responder à pergunta: “O que é felicidade?”

Para Cameron, que começou a falar do assunto quando assumiu a liderança do Partido Conservador, em 2006, mensurar o bem-estar das pessoas é tão importante quanto medir o Produto Interno Bruto (PIB). “Vamos começar a medir o nosso progresso como um país e não apenas pela forma como nossa economia está crescendo”, afirmou, em reportagem publicada pelo jornal *Daily Mail*. Na visão de Cameron, é tempo de admitir que a vida é mais que dinheiro.

Mas o grande problema nesse tipo de abordagem é que o conceito de felicidade é altamente subjetivo. O que é felicidade para uns pode não ser (e frequentemente não é) para outros. O maior desafio é saber o que fazer em termos de políticas públicas com os dados levantados através da pesquisa, afirma Alan Walker, professor de Política Social da Universidade de Sheffield, em artigo publicado na revista *The Economist*.

O conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB) nasceu no Butão, um pequeno país do Himalaia, em 1972, elaborado pelo rei Jigme Singye Wangchuck, e, a partir daí, com apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), vem sendo colocado em prática, inspirando ações em outras partes do mundo. O FIB tem como base a premissa de que o objetivo principal de uma sociedade não deveria ser somente o crescimento econômico, mas a integração do desenvolvimento



material com o psicológico, cultural e espiritual, sempre em harmonia com o planeta.

No Brasil, uma das principais iniciativas sintonizadas com a prática do FIB é o Instituto Visão Futuro, coordenado por Susan Andrews, uma americana que vive no Brasil há mais de 15 anos. O FIB considera nove dimensões da vida humana no cálculo do índice de felicidade: bem-estar psicológico, saúde, uso equilibrado do tempo, vitalidade comunitária, educação, cultura, resiliência ecológica, governança e padrão de vida. “É por isso que acho o FIB tão interessante. É o pensamento sistêmico na prática. Nove dimensões interligadas, interagindo entre elas”, diz Susan. [1]

TOME NOTA
1 Em www.felicidadeinternabruta.org.br, acesse mais informações sobre o FIB e teste seu nível de felicidade

Para escapar da armadilha apontada pelo professor Alan Walker, os formuladores do FIB sugerem o uso da mesma

de “empodimento”, uma versão cabocla para *empowerment* (empoderamento).

O projeto mais ambicioso é o Arassussa, no Vale do Jequitinhonha. Desde 2005, 13 organizações brasileiras do Segundo e Terceiro Setor, ligadas à Fundação Avina, trabalham unidas com o objetivo comum de fazer de Araçuaí (com cerca de 36 mil habitantes, segundo o IBGE), cidade-polo da região, uma cidade sustentável. O grau de felicidade é um dos 12 índices medidos pelos pesquisadores do CPCD como forma de avaliar o resultado das ações implantadas. Felicidade, para o CPCD, significa “sentir-se bem com o que temos e somos”.

O trabalho ao nível local que transfere maior poder para as pessoas é também o objetivo de outra iniciativa do governo britânico. O que David Cameron chama de Grande Sociedade (*Big Society*). Mesmo duramente criticado pelos cortes que impôs ao orçamento em razão do déficit das contas públicas, Cameron leva adiante seu projeto de construção de um modelo mais participativo, que devolva o poder de decisão para as comunidades. Na visão dele, encorajar o trabalho voluntário e a ação social pode contribuir para o fortalecimento da sociedade britânica, e, conseqüentemente, aumentar o grau de felicidade individual.

Cameron busca alternativas para o modelo baseado apenas no crescimento econômico justamente porque a sociedade britânica já atingiu um patamar de desenvolvimento em que a aquisição de mais bens não resulta em mais felicidade. O mesmo acontece com os Estados Unidos, o Japão, a França e outros países desenvolvidos.

Em 2008, o presidente francês, Nicolas Sarkozy, encomendou aos economistas Joseph Stiglitz e Amartya Sen (ambos Prêmio Nobel de Economia) um estudo que indicasse qual a melhor forma de medir o desenvolvimento. O estudo concluiu que seriam necessárias medidas diferentes para avaliar o desempenho econômico, a sustentabilidade e a qualidade de vida. Uma das propostas seria substituir o cálculo do PIB, a soma das riquezas produzidas no país, pela renda ajustada das famílias. Ou seja, saber que quantia uma família tem efetivamente disponível para gastar.

Mas a mensagem-chave do relatório, no entanto, é clara: está na hora de mudar os critérios de avaliação, dando menos peso ao desempenho da economia e mais valor para o bem-estar das pessoas.

Uma proposta de emenda constitucional atrela a busca da felicidade aos direitos sociais



O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), do Pnud, e o Happy Planet Index (Índice de Felicidade do Planeta) aparecem como alternativas para medir o grau de felicidade individual e da sociedade. O IDH, idealizado pelo economista paquistanês Mahbub ul-Haq, com a colaboração de Amartya Sen, pretende ser uma medida geral do desenvolvimento humano e não uma representação da felicidade das pessoas. Enquanto o Happy Planet Index, da New Economics Foundation (NEF), coloca lado a lado a eficiência ecológica e a melhoria de vida.

Outro caminho é o Índice de Valores Humanos (IVH), também do Pnud, que trata de aspectos mais qualitativos do desenvolvimento. Foi criado para ser complementar ao IDH e busca vivências nas quais os valores humanos têm um papel-chave. Não é um indicador para governos apenas, pois aborda experiências vividas pelas pessoas em seu cotidiano. Coisas simples como esperar por uma consulta médica, ter prazer ou sofrimento no trabalho, entre outras.

Ainda assim, medir a felicidade de cada um não é uma tarefa fácil. O HPI, por exemplo, é definido por seus idealizadores como uma bússola capaz de indicar o que realmente importa para as pessoas, como o bem-estar em termos de uma longa, feliz e significativa vida e o que interessa ao planeta no que se refere ao consumo de recursos. **Pelo critério utilizado, a Costa Rica é o país com o melhor índice de felicidade no mundo (76,1 de 100 pontos), enquanto o Brasil é o nono, e a Inglaterra, o 74º.**

Talvez comparar a felicidade individual com a saúde planetária não seja mesmo uma alternativa válida. O professor Ruut Veenhoven, especialista em felicidade humana da Universidade Erasmus de Roterdã, na Holanda, investigou as relações entre consumo sustentável e felicidade. Um dos argumentos mais comuns para a promoção do consumo sustentável é que ele poderia, a longo prazo, aumentar a felicidade de um grande número de pessoas.

As evidências sugerem, no entanto, que a mudança para o consumo sustentável envolveria uma redução da felicidade da geração atual, pelo menos temporariamente. O consumo

sustentável pela geração atual pode acrescentar a felicidade de gerações seguintes apenas se isso conseguir evitar a pobreza em massa e desastres ecológicos importantes. Caso contrário, afirma Veenhoven, não se esperam efeitos substanciais.

O que ele aponta como algo positivo é que a sociedade atual pode viver igualmente feliz com menos luxo. *(Mais sobre a relação entre consumo e felicidade em reportagem à pág. 20)*

PEC da Felicidade

No Brasil, o **Movimento + Feliz** procura fazer a ponte entre a felicidade atual e o bem-estar das futuras gerações a partir de duas iniciativas: desenvolvendo uma plataforma na qual as pessoas possam fazer uma autoavaliação de sua qualidade de vida e buscando incluir a palavra felicidade na Constituição, a exemplo do que já fizeram outros países.

A Proposta de Emenda Constitucional, conhecida por “PEC da Felicidade”, foi apresentada a pedido do Movimento + Feliz pelo senador Cristovam Buarque (PDT-DF), aprovada pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania e vai a plenário. Pela proposta, o artigo 6º da Constituição teria incluído em sua redação a expressão “busca da felicidade”. Com a alteração, o artigo ficaria assim: “são direitos sociais, essenciais à busca da felicidade, a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados”.

Não se trata de garantir a felicidade de todos, mas uma forma de ter o bem-estar com parâmetro de políticas públicas. Criar as condições para que cada cidadão busque a sua felicidade. “O objetivo da PEC é humanizar os indicadores de progresso, pois o PIB não pode ser um indicador de bem-estar, porque mede apenas o poder de compra. E ter poder de compra não significa ser feliz”, diz Cristovam Buarque. **zz**



Acesse, na versão digital desta reportagem em www.fgv.br/ces/pagina22, mais informações sobre o projeto Arassussa e a visão de Cristovam Buarque sobre a relação entre felicidade e sustentabilidade. Conheça também o projeto Urban Homestead, por um modo de vida autossustentável e desvinculado do consumo

Análise

ADRIANA RAMOS

Secretária-executiva adjunta do Instituto Socioambiental (ISA)

Vem de berço

A educação de nossos filhos está em constante disputa com a sociedade de consumo. Uma importante medida para a felicidade e o bem-estar é **proibir a publicidade destinada às crianças**

Caçula de seis irmãos, desde pequena aprendi a me contentar com poucos requintes materiais. A sensação de bem-estar que me acostumei a chamar de felicidade estava na segurança e no carinho da família, e em modestos júbilos materiais, que eram sorvidos cautelosamente, de modo a durar o máximo possível.

Hoje vivo o dilema e o desafio de forjar para meus filhos um pouco do que foram as circunstâncias conjunturais da minha infância. Já não vivo as restrições financeiras que meus pais viviam, mas persigo o objetivo de fazer meus filhos valorizarem mais o que somos, a família que temos e os prazeres que podemos ter no dia a dia do que os bens de consumo que podemos ter.

Precisamos dissociar a felicidade daquilo que nosso dinheiro pode comprar. A garantia de direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais básicos para a nossa reprodução – o conforto e a segurança que necessitamos no dia a dia – é fundamental. No entanto, daí em diante, a felicidade não está no que o dinheiro pode comprar, mas em como lidamos com aquilo que ele nos proporciona.

Sofrimento diário para quem leva os filhos à padaria, ao supermercado, à banca de jornais: brinquedinhos, lembrancinhas, chocolatinhos, biscoitinhos, tudo a preços miudinhos, não pesando no bolso, mas construindo o terrível hábito do consumo diário desnecessário. Quinquilharias que se vão espalhando pela casa, largadas assim que ali chegamos, inúteis.

Não é raro ver crianças empapando seus pais em lojas e mercados, de onde saem vitoriosas com um regalo em mãos, como troféus que exibem vitoriosas e dos quais se esquecerão em poucos minutos.

Os adultos, por sua vez, acostumam as crianças com esses mimos, seja porque, afinal, é tão baratinho e não custa nada,

seja para substituir a atenção que não podem dar, seja apenas porque podem pagar, sem se dar conta do estímulo ao consumismo que alimenta uma sensação de poder ter, que, via de regra, contribui para aumentar a frustração constante de quem tudo tem tão facilmente que nada satisfaz verdadeiramente.

Tarefa árdua em uma sociedade em que o apelo ao consumo está tão presente. O apelo da propaganda, da necessidade de ter o que os colegas têm, de se incluir e ser aceito pelo que se possui, faz que com que estejamos prontos a dar aos nossos filhos o que nosso dinheiro pode comprar.

Buscando atender necessidades imediatas, romper o choro do apelo, conquistar seus sorrisos, habituamos nossas crianças a associar a satisfação aos bens materiais que podemos lhes oferecer. Não raro, a relação entre pais e filhos estabelece-se com base no atendimento dessas necessidades e as demais – a atenção, o carinho, a conversa – vão ficando secundárias na vida dos pequeninos.



Pouco ajudamos na construção da identidade deles como sujeitos se não os fazemos refletir sobre a real necessidade dos brinquedos, jogos, roupas, acessórios e tudo o mais que os amigos têm, a televisão mostra e as lojas vendem.

A educação de nossos filhos está em constante disputa com a sociedade de consumo e a frustração para aqueles que não podem ter é inevitável, diante de propagandas que associam o biscoito, o brinquedo e a roupa ao modelo ideal daquilo que as crianças pensam que querem ser.

Engana-se quem pensa que este é um problema para as classes média e alta, para quem pode escolher consumir ou não, e o que consumir. O apelo do consumo está em todas as classes e a expectativa da satisfação conforme o que se pode consumir é proporcional à renda de cada um.

Nesse sentido, uma importante medida para a felicidade e o bem-estar é proibir a publicidade destinada às crianças, conforme previsto no Projeto de Lei nº 5.921, que está em tramitação na Câmara dos Deputados desde 2001.

Para além dos problemas relacionados à obesidade, à erotização prematura e ao estresse familiar, a publicidade infantil vende a nossas crianças a ilusão do consumo e silencia o deleite e a satisfação com os pequenos prazeres, disseminando valores materialistas que em nada contribuirão para as circunstâncias que as farão felizes. **zz**

Felicidade dos milhões

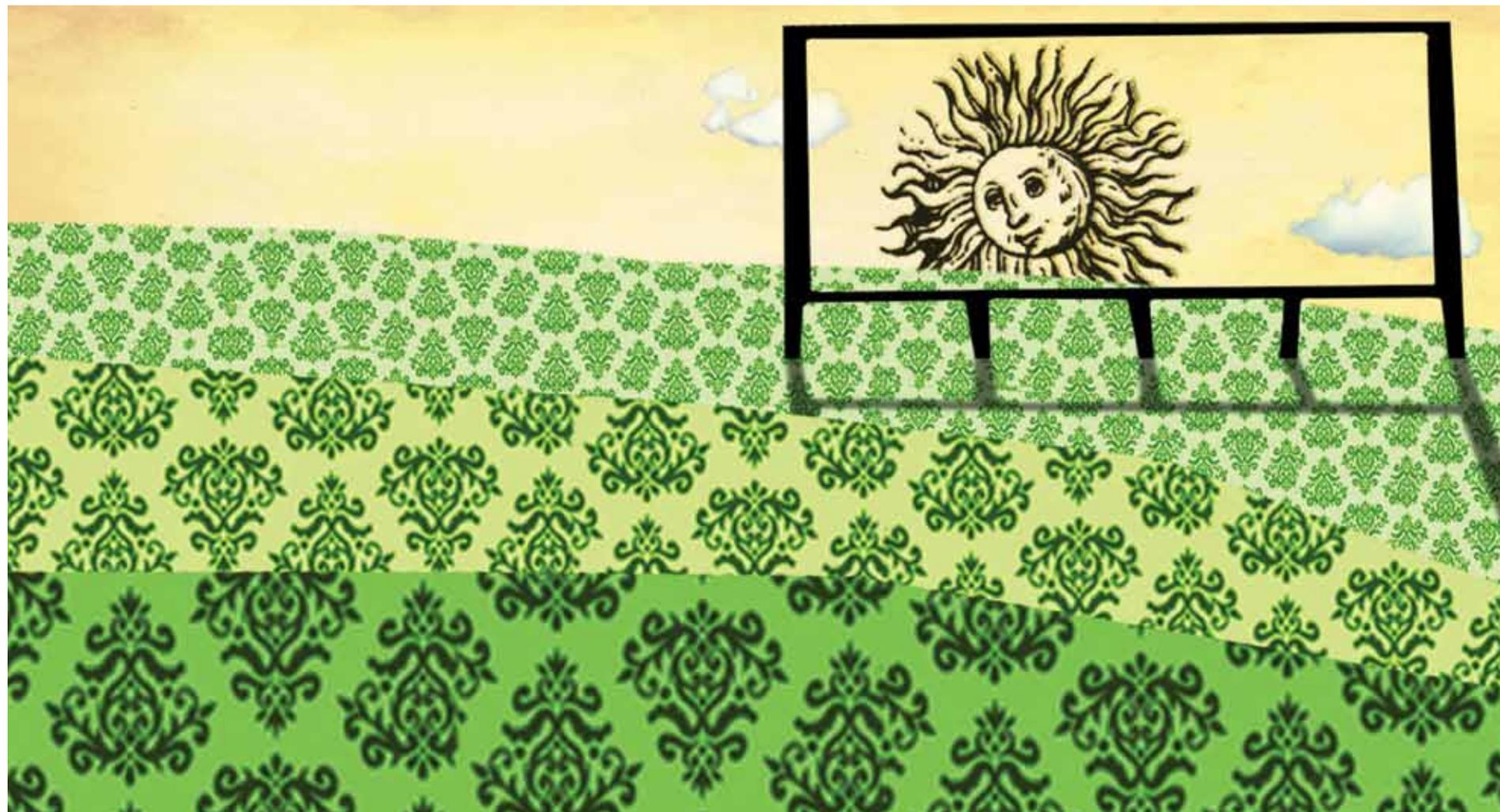
Está no site de relacionamentos: enquanto 500 mil amam *milk-shake* de Ovomaltine do Bob's e 800 mil adoram McDonald's, apenas 549 amam a Mata Atlântica e 1.600, a Amazônia

Tenho críticas a fazer às árvores: elas não realizam campanhas publicitárias. Em um mundo que se move a ritmo cada vez mais ligeiro, os troncos mantêm sua inércia verde. E, quando convidados pelo vento a sair do lugar, tombam. Ou as árvores viraram um produto ultrapassado, ou o que falta mesmo é uma agência de comunicação para promover seus benefícios.

Prova disso está em uma página de relacionamentos da internet, última moda para conhecer os anseios e as opiniões do público, quando o assunto é mercado consumidor. Por meio de uma breve consulta ao site, descobri que mais de 800 mil pessoas amam Coca-Cola.

Enquanto isso, à exceção da escola de samba carioca, a mangueira não tem nada em sua homenagem, nem a amendoeira. Com 6 pessoas, há uma comunidade de fãs do limoeiro. A jabuticabeira é amada por quase três vezes esse número, ao passo que 14 indivíduos adoram o pau-brasil. O indicador mais preocupante, todavia, tem a ver com a macieira, já que 110 pessoas nunca viram uma, embora, tenho certeza, conheçam um Big Mac.

Além de sombra, absorção do gás carbônico da atmosfera e alimentação, as árvores e suas folhas protegem o solo contra a erosão. De acordo com artigo do site *Árvores Brasil*, a erosão leva areia para o fundo do rio, deixando-o mais raso. A menor capacidade de guardar água em



seu curso leva à falta do líquido, em meses de menos chuva. Um solo sem vegetação também fica sem barreira para a água, que escorre rapidamente quando chove. Isso dificulta a penetração dos pingos e acelera o ressecamento dos lençóis freáticos, levando à falta de água potável.

Para ficar em uma situação bem próxima, a seca pode influenciar no custo dos alimentos que chegam à sua mesa, fazendo com que se gaste mais para comer e falte orçamento para atividades de lazer, ou saúde. Se passarmos das árvores a outros símbolos da natureza que deveriam estar na principal pauta de diálogo do ser humano, visando o seu bem-estar, o panorama é muito parecido. Enquanto um número superior a 500 mil indivíduos ama *milk-shake* de Ovomaltine do Bob's e em torno de 800 mil "adoram McDonald's", 549 amam a

Mata Atlântica e cerca de 1.600, a Amazônia – ainda segundo o site.

É claro que nem toda a felicidade do mundo diz respeito à conservação do meio ambiente, porém, o respeito ao verde é uma das condições fundamentais para a satisfação de nossas necessidades básicas. Em um meio de vida impróprio, torna-se mais fácil adoecer, esgotam-se os recursos do planeta, não se desenvolvem o conhecimento e nem mesmo as relações com as pessoas.

Um exemplo é o trânsito. De acordo com pesquisa feita em 2010 pelo Movimento Nossa São Paulo, o paulistano gasta, em média diária, 2 horas e 42 minutos no trânsito. Por mês, o equivalente a quase três dias e meio. É tempo que ele poderia relaxar, dedicando-se à atividade física, à família ou a

uma viagem. Um *hobby*, e até ficar de pernas para o ar. Assim, feliz.

A dependência criada em relação ao carro é evidente, seja pelo modelo de sociedade, seja pelo incentivo de políticas de transporte e cultura da população mundial. A Chevrolet já apostou no slogan "Andando na frente". E quem quer ficar para trás? Ser superado a pé? Perder tempo no desconforto de um ônibus lotado? O crescimento industrial traz benefícios. No entanto, promove desequilíbrios. Segundo indicadores do site *São Paulo é Tudo de Bom*, a cidade tem 54 parques e áreas verdes, contra 34 mil indústrias. Algo deve estar errado, se desejamos preservar a alegria de nossos pulmões.

As empresas criam discursos publicitários para associar suas marcas

a conceitos abstratos, conquistam as pessoas e vendem produtos. O problema é se deixar levar pelas mensagens, acreditando nelas como a mais pura verdade. Quando o consumidor se identifica com a marca, perde sua capacidade crítica. Bebe Coca-Cola por acreditar que aquilo lhe atribui juventude. Traga um cigarro Carlton por ver naquele rolo de tabaco um dos mais raros prazeres que a vida pode lhe proporcionar.

A margarina Qualy se relaciona com qualidade de vida. Mas quem consegue ter qualidade de vida em uma casa erguida em terreno irregular? Toneladas de margarina no café da manhã da população de cidades da Região Serrana, no Rio de Janeiro, não teriam evitado a tragédia das chuvas. Na propaganda das árvores, uma sugestão pouco usual: "Na hora de construir, se você procura

uma resposta, qualidade de vida é longe da encosta". Jamais observei um produto com frases desse tipo no rótulo. Ótima para acompanhar tijolos.

Os valores embutidos nas mensagens publicitárias começam a ser introjetados ainda na infância. O Passaporte da Alegria, no Playcenter, e Quick (faz do leite uma alegria) agem como se fosse necessário adquirir algo para ter acesso à satisfação plena. A hora do lanche é a hora mais feliz, hora de comer biscoitos São Luiz. Em primeiro lugar, a hora mais feliz pode ser a de jantar em casa, com a família. E não a do lanche. Em segundo lugar, o que faz do momento o mais feliz pode não ser o biscoito no prato, mas a espontaneidade da vida, sem os seus sorrisos programados.

Uma das primeiras músicas cantadas pela apresentadora Xuxa em seu programa, nos anos 1980, continha os versos *Amiguinha Xuxa é hora de brincar, / estamos esperando só você chegar. / A felicidade se fantasiou de amor. / Bom dia, amiguinhos, já estou aqui. / Tenho tanta coisa pra nos divertir.* A melodia fica na cabeça. Contudo, não podemos ser dependentes de produtos da publicidade para ser felizes, da forma que eles esperam que nós sejamos.

Quando tinha 17 anos, comecei a usar óculos. Percebi que o mundo era um sem óculos e outro, com as lentes corretivas. O desenho de uma mesa ganhava contornos diferentes. Nas distinções do rosto das pessoas, de um barco no horizonte ou nas letras do texto, vi que o mundo está nos olhos de quem vê. O lugar de gente feliz não é o supermercado da esquina, um grande salão organizado por seções, onde você paga por suas compras no fim do percurso entre as prateleiras.

O discurso da propaganda de um produto se apropria de elementos com os quais o público já se identifica, dando a impressão de que acabamos de encontrar o produto de que mais necessitávamos. É possível que a crítica sobre a falta de campanhas publicitárias das árvores não se justifique. Elas devem se expressar e divulgar de outras formas, usando mídias menos digitais e mais naturais. A gente é que não entende. Fica distraído com outras coisas. 



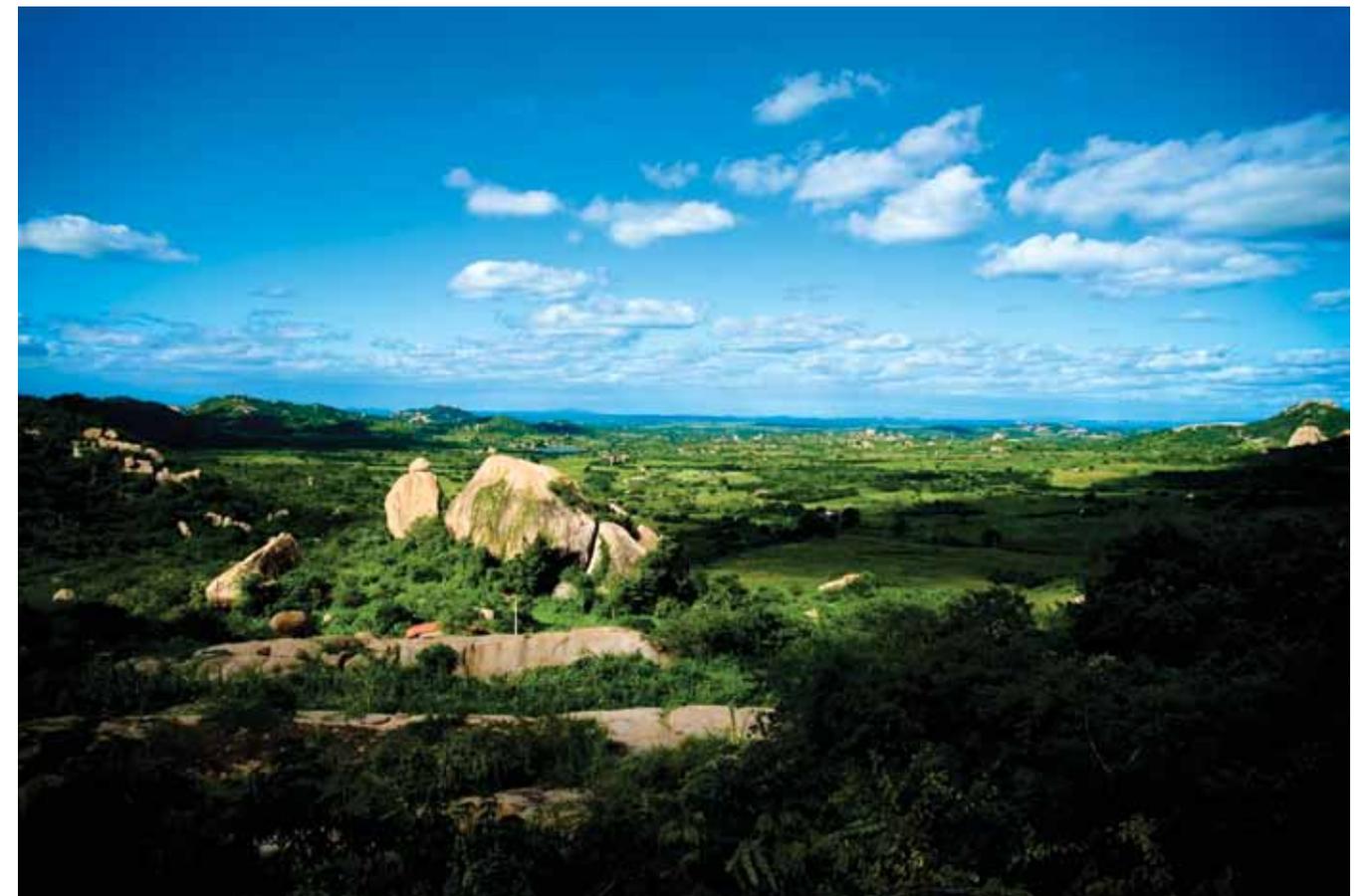
Sopro de resistência

TEXTO E FOTOS João Correia Filho

Zabé da Loca tem a leveza do sopro e a força do vento. Nasceu Isabel Marques da Silva, em 1925, mas as adversidades da vida, a pobreza e a miséria a obrigaram a viver por mais de 20 anos numa gruta, numa loca, como é dito em sua terra, a Paraíba. Virou Zabé da Loca, para abreviar. Não é muito de conversa, mas nos dá seu recado nas notas fortes de um pífano, instrumento tipicamente nordestino que a acompanha desde os 6 anos de idade. Por meio da música tornou-se mestre, símbolo de resistência. Gravou disco, ganhou prêmios e até uma casa na cidade onde

vive, Monteiro, a 300 quilômetros da capital, João Pessoa. É bem próxima à antiga gruta, a qual alguns querem transformar num memorial em homenagem a Zabé. Ela quer esquecer.

O que nunca esqueceu foi a capacidade que o sopro tem de mudar a vida das pessoas: há três anos, incansável, criou em sua cidade um projeto no qual ensina 80 crianças do sertão paraibano a retirarem melodias da pequena flauta. Aos 86 anos, ainda faz shows pelo Brasil, e percorre o mundo levando sua mensagem. Quando a força vem de dentro, não tem pedra que resista. [zz](#)







Do suor do teu rosto...

O trabalho é uma parte fundamental da experiência humana, **mesmo assim mantemos uma relação pra lá de contraditória com ele**

POR Fábio Rodrigues # FOTOS Extraídas de filme de Sergio Leone

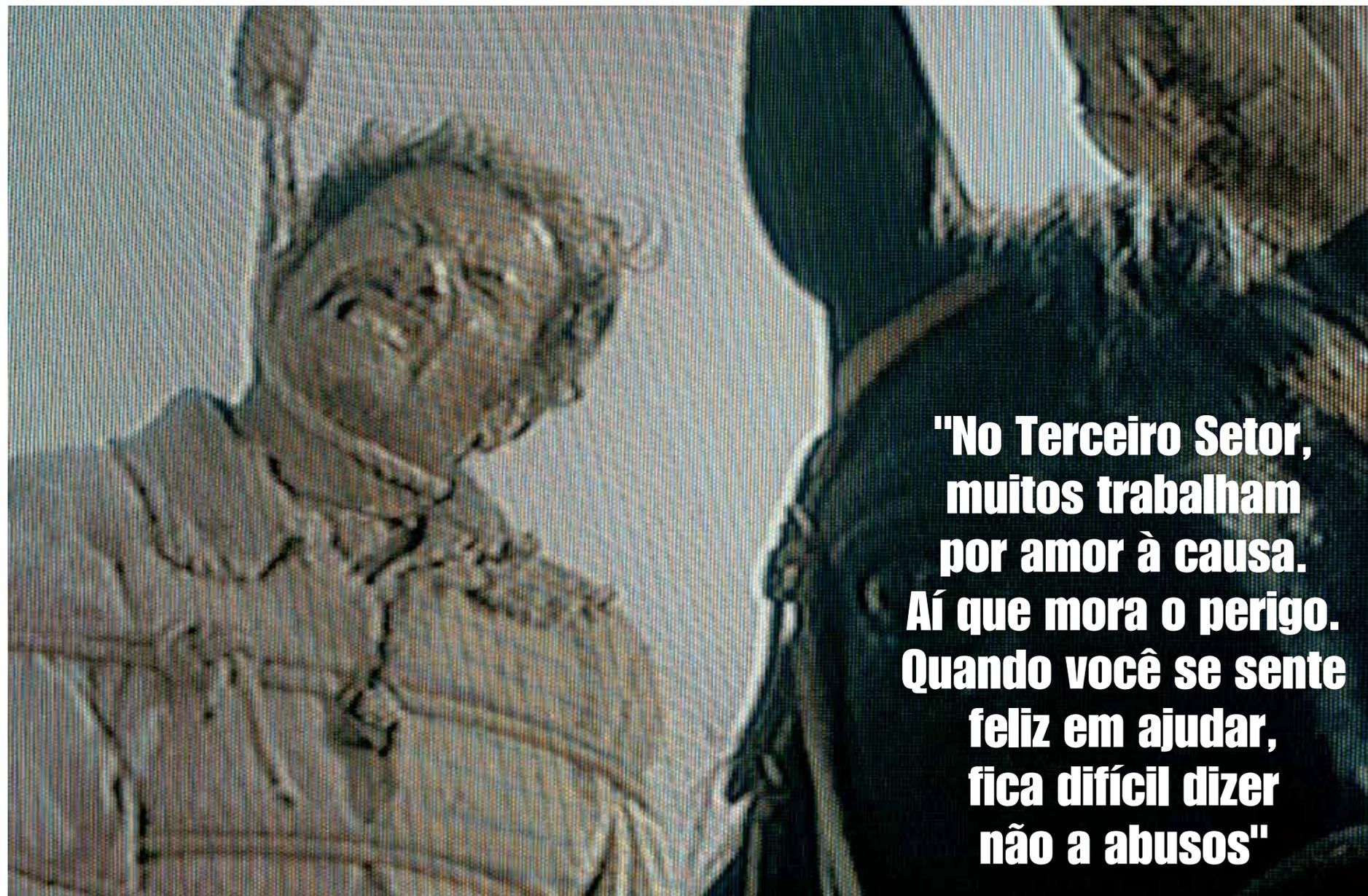
“**N**ão existe trabalho ruim. O ruim é ter de trabalhar”, cravava o inigualável Seu Madruga em um dos episódios de *Chaves*, seriado infantil mexicano dos anos 70 que continua sendo reprisado até hoje, para a alegria de muitas crianças e não poucos marmanjos.

Criatura do comediante Roberto Bolaños, Seu Madruga era um tipo de malandro romântico cuja graça derivava da forma como ele encarnava um tipo peculiar de aversão ao trabalho que todo mundo já sentiu, à exceção dos *workaholics*. Estamos tão identificados com o dissabor que o personagem caricato sente pelo batente que, de uns tempos para cá, o rosto de Ramón Valdés – o ator que o viveu – começou a aparecer estampado nas camisetas da juventude mais atendida.

Acontece que trabalho é daquelas coisas cheias de contradições que podem ser descritas nos termos do “ruim com, pior sem”. Primeiro porque não temos para onde correr, precisamos de dinheiro e este – salvo algumas exceções – só se consegue trabalhando. Depois, porque ocupa um pedaço tão significativo de nossas vidas que fica impossível não levar para o pessoal.

Raízes

No livro *Qual é a Tua Obra?*, o filósofo e professor titular da PUC-SP Mario Sergio Cortella esmiúça as origens da nossa histórica má vontade para com o trabalho. Para ele, é possível acompanhar as raízes dessa concepção até a Grécia Clássica, onde o trabalho manual era reservado aos escravos e, por consequência, considerado indigno dos homens livres. Essa ideia ganharia inércia própria até receber um segundo impulso na época em que o Cristianismo transplantou parte da mentalidade judaica para a Europa. Para a mitologia hebraica, o trabalho foi a punição que Javé reservou a Adão após este ter comido do fruto proibido. “Temos uma marca muito grande numa sociedade que, pelos últimos 2.500 anos, tem



"No Terceiro Setor, muitos trabalham por amor à causa. Aí que mora o perigo. Quando você se sente feliz em ajudar, fica difícil dizer não a abusos"

associado o trabalho a algo indigno”, explica Mario Sergio a PÁGINA22.

Essa aura negativa só se dissipou um pouco lá pelo fim da Idade Média, quando a Reforma Protestante e a ascensão da burguesia industrial começaram a dismantlar os velhos sistemas servis. No definitivo *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, o sociólogo alemão Max Weber nota que o termo vocação só ganhou seu sentido atual nas primeiras traduções luteranas da Bíblia.

Um novo paradigma

Mas há traços culturais que mudam em ritmos geológicos e o trabalho é um desses. Em parte porque não estamos tão distantes da realidade dos apertadores de parafusos mal pagos e sem futuro que Charles Chaplin registrou no magistral *Tempos Modernos*, de 1936. É bom ressaltar que, de vez em quando, os movimentos geológicos viram terremotos. É mais ou menos isso o que a cofundadora do Movimento Novo Olhar sobre as Relações de Trabalho,

Rita Monte, parece estar pressentindo no horizonte. Há tempos ela sente que tem alguma coisa fervilhando na forma como as pessoas se relacionam com o trabalho. “Eu conhecia um monte de gente que, como eu, estava em busca de formas de trabalhar que fossem mais significativas. Eu não estava sozinha nisso”, elabora.

O Novo Olhar foi criado no fim de 2008 para observar essa tendência e sistematizar os aprendizados contidos nas histórias dessas pessoas. Várias centenas de histórias depois, a evidência acumula-

da convenceu Rita de que estamos prestes a ver surgir um novo paradigma, que colocará mais ênfase na autorrealização e no senso de propósito maior.

Ela reconhece que ainda não dá para dimensionar o tamanho da onda, mas aponta que há movimentos similares na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos. E também que o fato de um país semidesconhecido como o Butão ter conseguido chamar a atenção mundial ao propor um indicador de Felicidade Interna Bruta

indica que este é um ponto sensível.

Se a intuição do Novo Olhar estiver mesmo correta, o problema da felicidade no trabalho não é só uma disputa salarial, mas um sentimento difuso e crescente de fastio em relação aos modelos tradicionais. O professor Cortella comunga dessa opinião e saca um exemplo doméstico do bolso para justificar a posição. Uma de suas filhas largou um emprego em um dos maiores escritórios de advocacia paulistanos e mudou-se para Florianópolis atrás de qualidade de vida. “Ela ganha muito menos do que recebia aqui, mas, do ponto de vista da felicidade, a vida dela melhorou”, conta.

Para o Novo Olhar, esse desprendimento está ligado a algo chamado Ponto de Suficiência, ou seja, o patamar financeiro em que suas necessidades básicas estão confortavelmente cobertas e você opta por abrir mão de correr atrás de estilos de vida cheios de *glamour* em nome de mais paz de espírito. (Mais em reportagem à pág. 20)

Esse tipo de pensamento tem aparecido com força entre pessoas ligadas ao Terceiro Setor e ao chamado empreendedorismo social. O gerente de finanças da Care do Brasil, Waldir Mafrá, trocou os bons salários da iniciativa privada pela satisfação de fazer algo socialmente positivo. Embora ele admita que nem tudo é perfeito, saber que seu trabalho beneficia pessoas e comunidades o “motiva mais do que o salário no final do mês”.

O administrador de empresas Rafael Mambretti seguiu um caminho parecido, quando resolveu largar o cargo promissor numa empresa de *e-commerce* para empreender. Com o apoio do **The Hub**, Rafael e seu irmão – e sócio – Danilo fundaram a Carbono Zero Courier, em outubro passado. Trocando em miúdos, a empresa faz os mesmos serviços que uma empresa de motoboys, a diferença é que troca as motos por bicicletas.

A empresa ainda não entrou no azul. Por enquanto, Rafael tem vivido de reservas e precisou fazer cortes. Meio por economia, meio por coerência, seu carro e sua moto

Iniciativa paulistana de *coworking* cuja proposta é funcionar como nó central em uma rede de negócios sustentáveis

➤ SÓ TRABALHO E NENHUMA DIVERSÃO...

...fazem de Jack um bobão. Quem assistiu – ou leu – ao clássico *O Iluminado* conhece essa frase. A cena onde ela aparece repetida milhares de vezes é antológica. Terrors ficcionais à parte, a sentença alerta para um fantasma real: o da superexploração do trabalho.

No discurso oficial, a superexploração acabou junto com o capitalismo selvagem. Contudo, esse dragão costuma botar a cabeça para fora com frequência. Ano passado, a Foxconn – famosa por montar a maioria das iCoisas da Apple – lidou com uma onda de suicídios entre seus funcionários atribuída ao excesso de trabalho. Onze pessoas tiraram a própria vida.

Tem quem descarte essas histórias como se elas só acontecessem em cantos problemáticos. Mas há casos de más práticas até em setores que, na teoria, deveriam se opor a elas. “O Terceiro Setor adota um discurso de defesa da igualdade, mas, muitas vezes, encontramos problemas sérios nas organizações”, reconhece o diretor da regional São Paulo da Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (Abong) e gerente administrativo da Care do Brasil, Waldir Mafra.

O Terceiro Setor coloca uma armadilha que, se não for desarmada, pode provocar danos. Como os salários são mais magros do que os da iniciativa privada, grande parte dos profissionais trabalha por amor à causa. Aí que mora o perigo. Quando você se sente feliz em ajudar, fica mais difícil dizer não a situações abusivas.

O presidente da Federação Nacional dos Empregados em Instituições Beneficentes, Religiosas e Filantrópicas, Geraldo Gonçalves, já viu coisas estapafúrdias. “Tem entidades que querem que seus empregados assinem termos de voluntariado, pois assim qualquer coisa que façam fora do horário de trabalho fica sendo serviço voluntário”, reclama.

Para piorar, muitas organizações desse setor são empreendimentos meio caseiros e financeiramente vulneráveis. “Quando os governos municipais cortam orçamento, começam pelos convênios sociais, o que deixa muitas organizações em apuros”, exemplifica Geraldo. Mesmo que as dificuldades existam, há coisas que não deveriam ser negociadas. “Precisamos ter cuidado com a coerência. Não podemos reproduzir o que o Segundo Setor tem de pior e passar a olhar nossos trabalhadores como máquinas”, diz Mafra.

foram trocados pela bicicleta. “Dá um pouco de medo, mas o dinheiro não faz tanta falta. Você descobre que tem uma camada de gordura que pode queimar sem sofrer. Estou feliz com o estilo de vida que estou levando e não pretendo alterá-lo quando a Carbono Zero começar a dar lucro”, conta. “O que me anima é mais o sentimento de realização do que o que poderei comprar com o dinheiro que vou ganhar”, completa.

Uma nova organização

Baiano radicado em São Paulo há 16 anos (mas sem perder o sotaque), Reinaldo Pamponet não se sente à vontade no papel de empreendedor-social – na opinião dele, a distinção entre o social e o mercado é artificial e só serve para enfraquecer ambos. Mas vale frisar que ele seguiu a trajetória canônica, largando

um cargo executivo na Microsoft para explorar o potencial transformador das economias criativas primeiro com a Eletrocooperativa e, atualmente, com a Itsnoon, rede social de cocriação.

Para ele, há um descompasso entre as possibilidades criadas pelas novas redes tecnológicas e as iniciativas altermundistas, que, mesmo bem-intencionadas, acabam reproduzindo os padrões de sempre. “Nosso sistema foi desenhado como um centro de poder verticalizado e não como uma rede. Não adianta só tentar ‘rebootar’ o sistema, você precisa redesenhar tudo”, provoca.

E dá mais uma agulhada ao apontar como a estabilidade do emprego público voltou a atrair os jovens. “É um paradoxo, a gente tem um discurso muito inovador em uma sociedade extremamente careta”, prossegue.

O X e o Y da questão

O professor da Fundação Dom Cabral Heiko Spitzbeck vê na busca por “algo mais” um reflexo do desembarque das gerações X e Y no mercado. [1] “Eles já têm um padrão de vida elevado e não estão atrás de empregos só por causa do salário, também dão muito valor a sua realização pessoal”, comenta o acadêmico, destacando que os departamentos de RH têm feito contorcionismos para manter essa turma contente. “Oferecer apenas salário é pouco para reter esse pessoal, eles costumam exigir das empresas uma visão diferente de gestão de carreiras e desenvolvimento pessoal”, conclui.

TOQUE NOTA

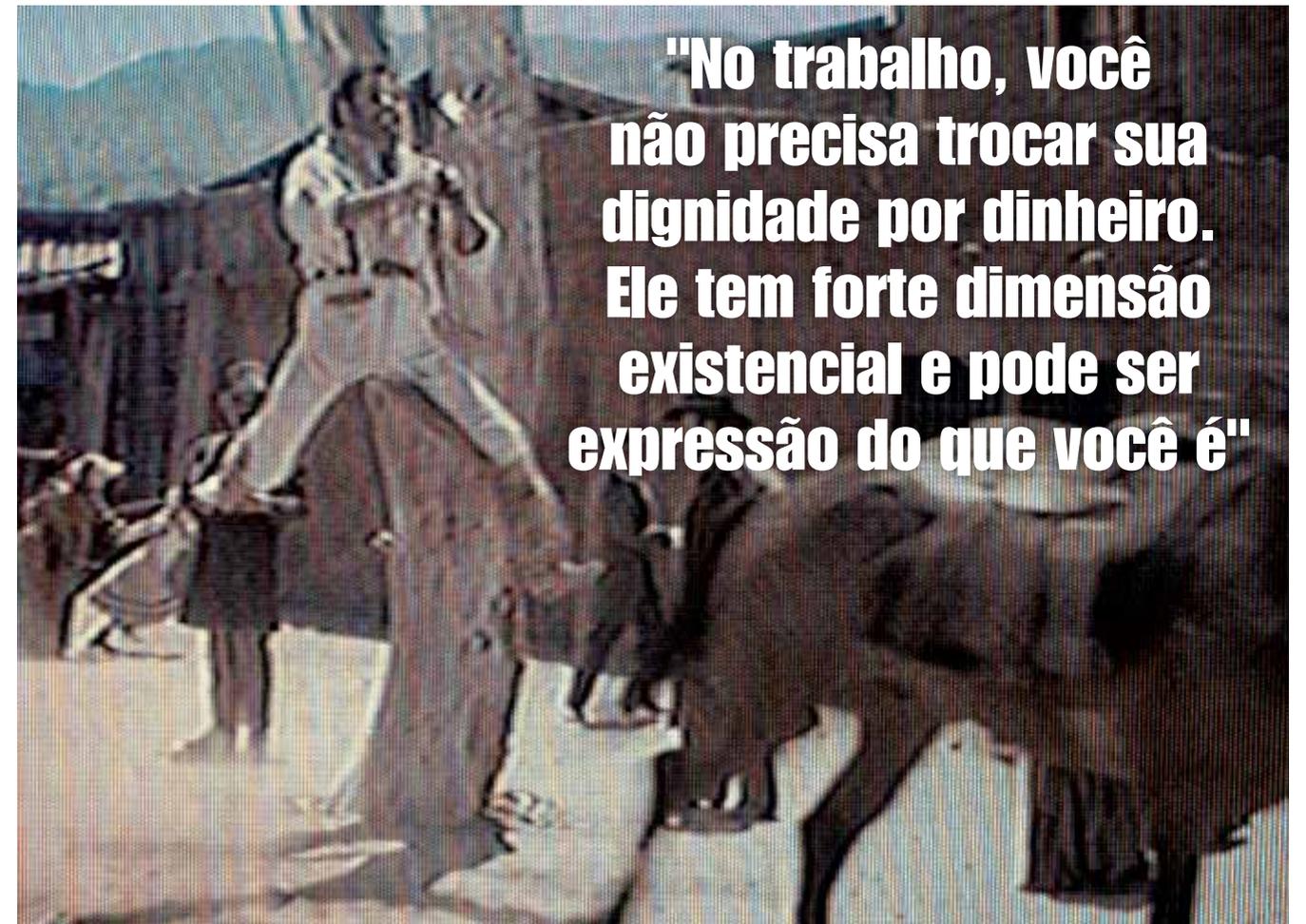
1 Entre 30 e 40 anos, a geração X foi a pioneira do mundo digital. Já a Y tem entre 20 e 30 e é formada pelos nativos digitais. Confira outras diferenças em pagina22.com.br/index.php/2010/11/onde-esta-o-gosto-da-maca

Nem todo mundo concorda que seja uma questão geracional. A Great Place to Work (GPTW) é uma consultoria que avalia a qualidade dos ambientes de trabalho desde os anos 80 – é dela o ranking anual das *Melhores Empresas para Trabalhar*, publicado pela revista *Época*. Segundo a diretora de projetos da GPTW, Roberta Hummel, os dados das gerações X e Y não têm revelado nenhum desvio significativo. Apesar dessa divergência, a opinião do GPTW não fica longe da do professor Spitzbeck a respeito do que fixa os funcionários em seus empregos.

“O mais importante para manter os funcionários na empresa são as possibilidades de crescimento profissional. Isso não significa necessariamente avanços de carreira e de *status*, mas o desejo das pessoas de estar inseridas em ambientes desafiadores onde elas possam desenvolver novas habilidades e contribuir”, avalia.

O papel da liderança

Profissional de RH de uma empresa do ramo hospitalar e participante do Movimento Novo Olhar, Raylla Andrade considera que o excesso de pressão por resultados é o ralo por onde a felicidade vaza. “Bem usada, a pressão pode gerar



bons resultados de curto prazo, porque muitos profissionais respondem bem sob pressão. Só que, se ela continuar indefinidamente, a tendência é que a coisa espante”, avalia, considerando que, apenas quando a liderança acha que vale a pena planejar um crescimento mais lento, é possível criar empresas felizes.

De acordo com Roberta, da GPTW, a relação entre chefia e empregados é vital. A relação com a liderança é, disparada, o fator mais importante na metodologia da Great Place to Work – contando 3/5 da nota final.

Evidente que nada é feito por filantropia. As empresas são animais monocórdios que sempre visam lucro, o que muda é a estratégia para chegar a ele. Roberta ressalta que, no caso dos investimentos em qualidade do ambiente de trabalho, a GPTW tem estudos sobre o

impacto da felicidade dos trabalhadores no sucesso do negócio. “As empresas no topo do ranking também são as mais rentáveis em bolsa”, conclui.

Isso levanta dúvidas sobre os motivos que levam as empresas a serem “boazinhas”. O que as impediria de dar com a mão direita e tirar com a esquerda? Oferecendo, por exemplo, horários flexíveis que façam todo mundo trabalhar mais. A GPTW tenta blindar sua metodologia questionando os funcionários se eles são incentivados a equilibrar vida pessoal e profissional e se os benefícios oferecidos são percebidos como adequados e especiais. Além disso, Roberta considera que não seria possível obter bons resultados com ações da boca para fora. “Só dá certo quando a liderança acredita de verdade que as pessoas são estratégicas. Copiar práticas da moda não funciona, porque

as pessoas percebem quando você está sendo sincero”, completa.

No fundo, nossa visão pessimista sobre o trabalho é parte da eterna insatisfação humana. Encontrar motivos para reclamar faz parte de nossa natureza, não importando se, no fim do dia, nosso peito estoure de orgulho. O que precisamos é permanecer atentos para ver se a experiência compensa ou é pura perda de tempo. “O trabalho não precisa ser um momento em que você troca sua dignidade por dinheiro. Ele possui uma forte dimensão existencial e pode ser uma expressão daquilo que você é”, arremata Rita, do Novo Olhar. [2]

 O Movimento Novo Olhar sobre as Relações de Trabalho mapeou as sensações mais frequentes das pessoas em relação a seu trabalho. Conheça cada uma delas na versão on-line desta reportagem em www.fgv.br/ces/pagina22

Há um meio do caminho?

Nem só engenharia genética nem só agricultura ecológica. Para a geneticista Pam Ronald, **a combinação das duas pode produzir mais alimentos** e ajudar na adaptação às mudanças do clima

Estamos a alguns meses de atingir uma população global de 7 bilhões de pessoas e devemos somar 9 bilhões em 2045. Para o futuro mais distante, é difícil prever: podemos chegar em 2300 com 2,3 bilhões de pessoas, com 36,4 bilhões ou manter o patamar de 9 bilhões [1]. Alguns fatores cruciais a determinar o tamanho da população daqui a dois séculos são a capacidade de produzir comida para tanta gente e de evitar graves danos aos ecossistemas e recursos naturais.

TOME NOTA

1 **Veja as projeções da ONU para 2300:** www.un.org/esa/population/publications/longrange2/2004worldpop2300reportfinalc.pdf

No atual estado de coisas, há pressão por terra arável e especula-se sobre o colapso de um sistema baseado na monocultura e no uso de fertilizantes e pesticidas. Para muitos, a resposta é optar pela agricultura orgânica, técnicas ecológicas e produção localizada. Para outros, tal solução aumenta a demanda por terra e a pressão sobre os ecossistemas. No meio, há a controvérsia sobre o papel da engenharia genética: para um lado, ela carrega riscos para o meio ambiente e a saúde humana; para outro, é a promessa de que poderemos produzir mais sem destruir tanto.

Pam Ronald, geneticista e pesquisadora da Universidade da Califórnia, em Davis, está no meio do caminho. Ela acredita que há de se combinar engenharia genética e práticas agrícolas ecológicas. “Precisamos trabalhar com os objetivos e as melhores maneiras de atingi-los”, disse Pam à PÁGINA22. “Às vezes uma prática agrícola pode mudar para controlar uma doença, ou talvez se possa usar uma nova semente, ou talvez precisemos das duas abordagens.” As opiniões de Pam soam como senso comum, afinal, quem não gostaria de encontrar a medida exata e garantir a produção de alimentos de forma segura e saudável? Mas a controvérsia continua.

Casamento eclético

Pam é casada com o fazendeiro orgânico Raoul Adamchak, e ambos escreveram o livro *Tomorrow's Table: Organic Farming, Genetics and the Future of Food* (Oxford University Press, 2008). “Acreditamos que a saúde do meio ambiente e do consumidor é que é importante”, diz ela. “A forma como a semente é gerada é menos importante. Se uma semente transgênica é a tecnologia mais apropriada para combater uma doença, devemos usá-la. Se podemos quadruplicar a produtividade de arroz ao adicionar um gene que torna a planta tolerante a enchentes, sou totalmente a favor.”

Não é para menos: Pam participou do grupo que desenvolveu tal variedade de arroz, que tolera até 17 dias debaixo d'água sem prejudicar a produtividade. Batizada de Sub-1, está em uso na Índia, Bangladesh e Filipinas. A esperança é que sementes como a Sub-1 funcionem como “seguro” para agricultores em várias partes do mundo, diante dos efeitos das mudanças climáticas. E que, junto com elas, práticas ecológicas assegurem uma agricultura saudável.



Mas nem todos compartilham da crença de que a forma como se obtém a semente é menos importante. A oposição à engenharia genética é intensa, em especial nas fileiras do movimento orgânico. Os padrões de certificação orgânica permitem o uso de sementes obtidas com melhoramento genético – baseado na seleção de características

desejáveis –, mas não o de sementes decorrentes de engenharia genética, ou transgênicas.

Em geral associa-se o melhoramento genético à prática de polinizar uma planta com o pólen de outra planta, coletar as sementes e cultivá-las. A engenharia genética, por sua vez, seleciona apenas um gene de qualquer espécie – animal ou vegetal – e o introduz no genoma da espécie a ser alterada. “Introduz um gene por vez, enquanto outras técnicas introduzem várias mudanças”, diz Pam, que considera a engenharia genética mais “precisa” do que o melhoramento convencional.

No caso do arroz Sub-1, mesmo com a introdução do gene tolerante à submersão, mantiveram-se as demais qualidades da variedade original. É justamente essa capacidade de “corta-e-cola” que assusta. Pam garante, entretanto, que há consenso entre os cientistas sobre a segurança das safras transgênicas comercializadas atualmente [2]. O fato de que tal consenso não parece chegar ao público, afirma, só mostra o quão ocupados são os cientistas.

TOME NOTA

2 **Segundo Pam Ronald, o relatório da National Academy of Sciences dos EUA reflete o consenso:** www.nationalacademies.org/includes/genengcrops.pdf

Ocupados, deixam o cidadão no fogo cruzado. A engenharia genética pode guardar a promessa de alimentar a população crescente e ajudar na adaptação às mudanças climáticas, mas é dominada por grandes corporações em busca de lucro. O Greenpeace destaca que em 25 anos a engenharia genética produziu apenas dois tipos de plantas: as tolerantes a herbicidas e as resistentes a pestes. Pam rebate, dizendo que foi possível reduzir drasticamente o uso de substâncias tóxicas nas lavouras de algodão e evitar a perda de plantações de mamão pelo vírus da mancha anelar no Havaí.

E, acrescenta ela, até 2015, mais de metade das sementes transgênicas serão produzidas por institutos nacionais de pesquisa, como a brasileira Embrapa. “As grandes corporações americanas provavelmente terão um papel menor no futuro.” Se esse futuro se concretizar, talvez biotecnologia e agricultura orgânica possam se encontrar no meio do caminho. [2]

Apanhadores de sonhos

Na Índia, uma caminhada de 25 mil quilômetros possibilitou registrar 3 mil visões de futuro. Agora, **empresas querem transformá-las em oportunidades de negócios**

Não fosse o esporte feminino tão estigmatizado, talvez a treinadora Usha pudesse expandir a sua academia de luta para mulheres e um dia até enviar uma atleta às Olimpíadas, sua maior ambição. Tazhuddin, o vendedor de tambores que já sonhou ser piloto, talvez só precise de microcrédito para contratar os quatro ou cinco funcionários que lhe permitiriam trabalhar sentado em um colchão. E quiçá uma capacitação e alguns contatos na indústria do turismo bastassem para que a relações-públicas Somita se tornasse cartomante e curandeira profissional.

As conjecturas são nossas, porque é difícil resistir à provocação de imaginar caminhos possíveis para esses projetos. Mas as três aspirações vêm da Índia, parte de uma feira de 3 mil sonhos capturados em apenas uma semana [1].

TOME NOTA

1 **Você pode conferir estes e outros relatos em vídeo em** <http://vimeo.com/dreamin>

O projeto Dream:In, idealizado pela consultoria em *design thinking* Idiom, já começou pisando em nuvens. Em janeiro, 101 estudantes universitários foram capacitados e então despachados para uma jornada de 25 mil quilômetros pela Índia urbana e rural, com a missão de registrar em vídeo os desejos das pessoas para si mesmas e para o país.

O próximo passo é interpretar e sistematizar essas visões

para transformá-las em oportunidades de negócios e empreendedorismo social. Para isso, os idealizadores realizaram um conclave cujo ponto de difusão foi a rede internacional Nodes, que reúne empresários, ativistas, acadêmicos e instituições envolvidas com design e inovação. Nas palavras de José Carlos Teixeira, cofundador da Idiom: “É a globalização ao avesso: trazer talentos globais para fomentar oportunidades locais”.

O *design thinking*, especialidade do Dream:in, é um conceito que nasceu no Ocidente. Diz respeito ao design que vai além do mundo dos produtos, aplicável também a processos e formas de organização e interação. Os subprodutos dessa ideia, no entanto, foram bastante influenciados pelo Oriente, especialmente pela Índia.

Foi o indiano Vijay Govindarajan, professor da prestigiada Tuck School of Business, quem cunhou o termo “inovação reversa”. Trata-se de soluções que emergem dos países pobres ou em desenvolvimento, justamente onde as dificuldades cotidianas estimulam a criatividade, para depois integrarem as carteiras de negócios de grandes empresas.

Nesses casos, o caminho não é relançar produtos consagrados com novos adereços, mas despi-los até encontrar características essenciais adaptadas às necessidades locais. São exemplos o carrinho Nano, da montadora indiana Tata – mais tarde metabolizado pela Mercedes –, e também aparelhos médicos de baixíssimo custo

produzidos pela General Electric para os mercados emergentes.

O Dream:In pode ser o embrião de um novo salto de paradigma nessa trajetória. “Por que deveríamos apenas resolver problemas básicos das pessoas? Será que não podemos inovar para realizar também suas aspirações mais altas?”, questiona Sonia Manchanda, da Idiom, no blog do projeto [2]. **A elevação das ambições, de necessidades para sonhos, é o diferencial e o maior desafio do Dream:In.**

TOME NOTA

2 **Veja em** dreamindia2011.wordpress.com

Os novos negócios propiciados pela inovação reversa já conquistaram a atenção definitiva de grandes corporações, como Nike e Nokia, mas está longe de ser um jogo de gigantes. A Idiom está em negociação com o empresariado local para viabilizar um fundo, chamado Dream:Fund, que financiará, de início, 50 sonhos com potencial de mercado. O valor exato desse primeiro aporte ainda não foi acertado.

Um dos entusiasmados é Kishore Biyani, CEO da empresa Future Group: “Somos uma nação que não acredita tanto em si mesmo como deveria, mesmo com a nossa rica história e conhecimento. Se vamos prosperar e crescer, precisamos planejar cenários não apenas com índices econômicos, mas também com medidas de felicidade, cultura e valores. Esta, sim, é uma abordagem de longo prazo para o futuro da Índia”. [2]





Natureza-viva

Recifes de corais costumam render notícias deprimentes. As últimas avaliações dão conta de que, até 2050, 95% desses seres vivos estarão em risco de desaparecer devido à degradação, à poluição e, sobretudo, ao aumento da temperatura do mar. Mas a tarefa hercúlea de combater esse processo já conta com uma aliada encorajadora: a arte.

No litoral mexicano, ali nos arredores da segunda maior barreira de recifes do mundo, o artista plástico Jason de Caires Taylor já submergiu

centenas de esculturas de figuras humanas. São feitas de um tipo de cimento muito leve e poroso que atrai os corais e conseqüentemente toda a vida marinha que se sustenta em torno deles.

Trata-se de uma obra de arte para sempre inacabada, já que a natureza continuará fazendo retoques indefinidamente. E ajuda a perpetuar o delicado equilíbrio ecológico do local. No site underwatersculpture.com você pode conferir mais imagens belíssimas desse trabalho. Vale o click. — **por Carolina Derivi**

Você já sabe que um destes é um grande responsável pelo **aquecimento global.**



Mas você sabia que o outro também é?

De acordo com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a agricultura animal é uma das principais responsáveis pela mudanças climáticas. No Brasil, a indústria da pecuária é também uma das maiores responsáveis pelo desmatamento. Reduzir o seu consumo de carnes, laticínios e ovos é uma das formas mais eficazes de reduzir a sua contribuição para as mudanças climáticas. Procure saber mais sobre os impactos ambientais da criação industrial de animais, o comprometimento do bem-estar destes animais e o que você pode fazer para ajudar.



HUMANE SOCIETY
INTERNATIONAL

Proteção e respeito a todos os animais

hsi.org/mudancasclimaticas

Itaú. Feito para você :-)



As potências mundiais mudaram. O Itaú muda com elas_ :-)

O mundo muda. O Itaú muda com você_

O jeito de ver o anúncio do Itaú mudou. Baixe um leitor de QR code em seu celular, fotografe o código e assista à continuação deste anúncio. Se preferir, acesse feitoparavocẽ.com.br

